



Escola de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Os Grupos de Artes Marciais de Timor-Leste:  
uma abordagem da Psicologia Social Comunitária

Maria Manuela Pereira da Fonseca

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:  
Doutora Joana Alexandre, Professora Auxiliar  
ISCTE - IUL

Setembro, 2013

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Joana Alexandre, pela paciência desmensurada, pela forma como me ajudou a ir vencendo as dificuldades, a distância, a desmotivação e a insegurança, e por ter acreditado sempre neste nosso projeto.

Um agradecimento a todos os participantes deste estudo, pelo seu contributo generoso e fundamental.

Um agradecimento especial a toda a equipa do STAE Covalima, pelo precioso apoio que deram e pela forma como agilizaram os seus contactos e recursos no sentido de tornar este estudo possível.

Obrigada a todos os companheiros de missão da UNMIT, no Suai, por terem enriquecido esta tese com um olhar multicultural e multidisciplinar e, em particular, aos comandantes da UNPOL pelo cuidado especial com as questões de segurança, pelos conselhos sensatos e pelo interesse no tema.

Obrigada a todos os amigos pelas dicas, pelas partilhas e pelos contributos vários, todos relevantes e entusiastas, que sem dúvida enriqueceram este trabalho.

Obrigada à família por estarem sempre ao meu lado e sempre disponíveis.

Obrigada ao Povo de Timor-Leste,

Povo guerreiro, de grandes sorrisos e olhares brilhantes,

com o qual e para o qual esta tese foi elaborada.

## Resumo

Os grupos de artes marciais (GAM) têm papel de relevo na sociedade Timorense, integrando atualmente cerca de 20000 adolescentes divididos em 20-30 grupos diferentes que foram considerados fonte de insegurança e potenciais ameaças à estabilidade do país.

Recorrendo à abordagem da Psicologia Social Comunitária, pretende-se decifrar os significados que a comunidade Timorense atribui à pertença a estes grupos, motivações para a pertença aos grupos, funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros e para o sistema alargado e os aspetos que permitem diferenciar os vários GAM Timorenses.

Para tal, foi desenvolvido um estudo qualitativo com 20 participantes - adolescentes e adultos Timorenses - tendo sido conduzidos 3 grupos focais e 5 entrevistas individuais.

Os resultados sugerem que os significados atribuídos à pertença aos GAM, aparecem associados ao sentimento de comunidade e ao percurso histórico do país.

A motivação para pertença surge associada sobretudo ao suporte social, desenvolvimento pessoal, aquisição de técnicas de defesa. Os GAM têm como função principal a promoção de relações de apoio mútuo entre os seus membros, o desenvolvimento global, a socialização e a proteção dos indivíduos; ao nível da comunidade alargada, são fonte de suporte e de instabilidade. Finalmente, a distintividade intergrupar surge associada a práticas identitárias, condutas de interação e estrutura grupal.

Este trabalho constitui assim um impulso a futuras investigações que integrem a perspetiva da Psicologia Social Comunitária no âmbito de projetos multidisciplinar, podendo ser aprofundadas as questões relacionadas com as dinâmicas destes grupos e que venham a sustentar intervenções futuras.

### **Palavras-chave:**

Grupos de artes marciais; Grupos sociais; Pertença; Comunidade

### **PsycINFO Classification Categories and Codes from American Psychological Association:**

**3020** Group & Interpersonal Processes;

**3040** Social Perception & Cognition;

**3373** Community & Social Services

### **Abstract**

The Martial Arts Groups (MAG) has an important role in East Timorese society. Currently the MAG comprises about 20,000 teenagers that are divided among 20-30 different of these groups. They have been considered sources of insecurity and potential threats to the stability of the country. The approach of Community Social Psychology aims to understand the meaning that the Timorese community confers to the belong to these groups, motivations, functions performed by MAG for its members and for the extended system and aspects to differentiate between the various Timorese MAG.

To this end, a qualitative study was developed with 20 participants – Timorese teenagers and adults - having been conducted three focus groups and 5 individual interviews.

The results suggest that the meanings attributed to belonging to a MAG, appear associated with the sense of community and the historical background of the country.

The motivation for belonging to these groups is mainly related to social support, personal development and acquisition of defense techniques. The MAG has as main function to promote mutual help among its members, the overall development, socialization and protection of individuals and, at the level, of the wider community, The MAG are a source of support and instability. Finally, intergroup distinctiveness appears associated with identity practices, behaviors and interaction group structure.

Therefore this work is an incentive to further investigations that integrate the perspective of Community Social Psychology within multidisciplinary projects, being able to develop issues related to the dynamics of these groups that will sustain future interventions.

#### **Keywords:**

martial arts groups; social groups; membership; community.

#### **PsycINFO Classification Categories and Codes from American Psychological Association:**

**3020** Group & Interpersonal Processes;

**3040** Social Perception & Cognition;

**3373** Community & Social Services

## Índice Geral

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1. Enquadramento Teórico</b>	<b>4</b>
1.1. Artes Marciais em Timor-Leste	4
1.1.1. Artes marciais: significados e funções.	4
1.1.2. Breve história das artes marciais em Timor-Leste.	5
1.1.3. Os GAM e a instabilidade social: a perceção da comunidade Timorense.	7
1.1.4. As respostas governamentais às problemáticas dos GAM.	9
1.2. A Psicologia Comunitária	10
1.2.1. Definições e características.	10
1.2.2. Principais conceitos	12
1.2.2.1. Abordagem ecológica	12
1.2.2.2. A comunidade	14
1.2.2.3. Suporte Social	16
1.2.2.4. O <i>empowerment</i>	17
1.2.3. O enfoque na prevenção	19
1.3. Contributos da Psicologia Social: Uma Análise em Torno do Conceito de Grupo	20
1.3.1. Definições e características.	20
1.3.2. Os grupos sociais: a diversidade de definições.	21
1.3.3. O estudo dos grupos: características e aspetos intragrupais.	22
1.3.3.1. Interação	22
1.3.3.2. Interdependência	22
1.3.3.3. Estrutura	22
1.3.3.4. Objetivos e coesão	23
1.3.3.5. Os símbolos	23
1.3.4. Funções dos grupos.	24
1.3.5. Pertença a um grupo: motivações interpessoais e intergrupais.	25
1.3.5.1. A perspetiva motivacional da Teoria da Identidade Social.	26

<b>Capítulo II. O Método</b>	<b>28</b>
2.1. Metodologia Qualitativa.	28
2.2. Participantes	28
2.3. Instrumento	32
2.3.1. Grupos focais.	32
2.3.2. Entrevistas	33
2.4. Procedimento	33
2.4.1. Procedimento de recolha de dados	33
2.4.2. Procedimento de análise de dados	35
<b>Capítulo III. Resultados</b>	<b>39</b>
3.1. Dimensão Significado Atribuído à Pertença aos GAM	39
3.2. Dimensão motivações para a pertença aos GAM	44
3.3. Dimensão funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros	49
3.4. Dimensão funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado	53
3.5. Dimensão distintividade Intergruppal	57
<b>Capítulo IV. Discussão</b>	<b>61</b>
<b>Capítulo V. Conclusões</b>	<b>69</b>
<b>Referências</b>	<b>72</b>
<b>Fontes</b>	<b>78</b>
<b>Anexos</b>	<b>79</b>

## Índice de figuras

Figura 1	13
<hr/>	
<i>Modelo Ecológico de U. Bronfrenbrenner</i>	
Figura 2	30
<hr/>	
<i>Representação da proximidade dos vários grupos de participantes face aos GAM em estudo.</i>	

## Índice de quadros

Quadro 2.1	29
Descrição demográfica da amostra	
Quadro 2.2.	36
<i>Unidades de registo (UR) identificadas em cada uma das entrevistas de grupos focais e entrevistas individuais.</i>	
Quadro 3.1.	43
<i>Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão significado atribuído à pertença os GAM</i>	
Quadro 3.2.	48
<i>Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão motivações para a pertença aos GAM</i>	
Quadro 3.3.	52
<i>Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros</i>	
Quadro 3.4.	56
<i>Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado</i>	
Quadro 3.5.	60
<i>Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão distintividade intergrupala</i>	

## **Glossário de siglas**

GAM - Grupos de Artes Marciais

## Introdução

A realidade Timorense tem sido marcada por constantes episódios de violência e de conflito, de ataques e invasões. Grupos juvenis, grupos clandestinos, gangs urbanos, grupos de resistência, surgem em diferentes momentos da história da jovem nação Timorense, com o intuito de proteger o seu país, tornando-se porém, muitas vezes na principal causa de instabilidade. É neste âmbito que surgem igualmente os designados Grupos de Artes Marciais - doravante designados por GAM- , sobre os quais se pretende desenvolver este trabalho.

Apesar de não haver ainda um levantamento exaustivo dos diferentes GAM, estima-se que existam entre 15 a 20 diferentes grupos em Timor-Leste, com um número total de membros registados de cerca de 20.000, porém prevê-se que o número total de membros não registados (i.e., praticantes) seja bem mais extenso e que alcance os 90.000. Estes grupos são diversificados em termos de origem étnica, maioritariamente compostos por elementos do sexo masculino, na faixa etária dos 15 aos 29 anos (Ostergaard, 2005; Scambary, Da Gama, & Barreto, 2006).

Os GAM encontram-se representados nos 13 distritos Timorenses e estão organizados segundo um modelo hierárquico, com ramificações ao nível dos sucos e aldeias (Ostergaard, 2005). A grande maioria encontra-se representado em clubes nacionais, que se responsabilizam pela formação e pela organização de competições, mantendo ligações internacionais à Indonésia e a outros países asiáticos (Arnold, 2009). Cada grupo distingue-se pela sua prática, origem e filosofia, porém todos os eles se assumem como politicamente independentes.

Dentro da variedade dos diferentes grupos juvenis com expressão na sociedade Timorense, os GAM têm sido classificados como grupos de interesse, diferenciados dos grupos políticos, organizações de desenvolvimento e grupos religiosos (Ostergaard, 2005). Outros autores, assumem uma outra tipologia para os grupos, distinguindo os GAM doutros seis tipos de grupos, nomeadamente grupos contestatários, grupos mágicos, gangs, grupos juvenis, pequenos grupos masculinos e grupos católicos (Scambary, et al., 2006). Streicher (2011), por seu lado, integrou os GAM na categoria de gangs Timorenses, deixando a ressalva que a

noção ocidental de gang - enquanto grupo associado ao crime, às ruas e às drogas - é inadequado para capturar a essência dos gangs do contexto Timorense.

As dinâmicas e características dos GAM alimentam um certo secretismo (tanto no estilo da prática como no sistema de ensino das técnicas), assente em juramentos de lealdade e confidencialidade, cujo incumprimento acredita-se conduzir a maldições (Esperança, 2004). Assim se compreende que as próprias características destes grupos fomentem e justifiquem um certo desconhecimento do seu funcionamento para aqueles que não se encontram diretamente neles envolvidos.

Trabalhos realizados no âmbito da ciência política e de projetos de cooperação para o desenvolvimento indicam que alguns GAM se tornaram fonte de insegurança, sendo apontados como potenciais ameaças a um clima de paz continuado e à estabilidade do país. Por outro lado, não é clara que a violência seja o elemento fundamental da identidade e atividade destes grupos. Arnold (2009) defende que a atividade regular dos GAM deve ser entendida como benigna e a violência de rua, ao qual estão muitas vezes associados, deveria ser compreendida como uma ação extrema e artificial, não sendo o âmago ou uma característica de definição da sua atividade.

Assim foram assumidos dois principais objetivos para o presente trabalho:

1) Analisar o funcionamento dos grupos de artes marciais (GAM) e o papel que estes desempenham na sociedade Timorense, tendo como base conceitos da Psicologia Social Comunitária;

2) Compreender a percepção que membros de GAM, peritos da comunidade e elementos da comunidade expatriada têm sobre os GAM, nomeadamente no que diz respeito aos significados atribuídos à pertença (aos GAM); motivações associadas à pertença (aos GAM); funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros; funções desempenhadas pelos GAM para a comunidade alargada e aspetos distintivos dos diferentes GAM.

No sentido de se cumprirem os objetivos acima mencionados, foi elaborado o presente trabalho, que irá iniciar com o enquadramento teórico no qual se pretende, numa primeira fase apresentar uma revisão da literatura referente às artes marciais Timorenses, a sua caracterização e enquadramento na realidade Timorense. De seguida, explorar a perspetiva da Psicologia Comunitária, aprofundando os seus principais conceitos - nomeadamente, conceito

de comunidade, *empoderamento*, suporte social e prevenção. Dentro deste enquadramento será ainda integrada a perspetiva da Psicologia Social para a análise dos grupos sociais, focando-se no conceito de grupo, elementos que caracterizam um grupo e motivações para a pertença.

Numa segunda parte será apresentada a metodologia que foi utilizada para realização do estudo qualitativo exploratório, à qual se segue a descrição dos resultados obtidos. Por fim, o cruzamento da teoria revista com os dados obtidos, permitiu elaborar a discussão e terminar com algumas conclusões.

## Capítulo I. Enquadramento Teórico

### 1.1. Artes Marciais em Timor-Leste

#### 1.1.1. Artes marciais<sup>1</sup>: significados e funções.

Tradicionalmente as artes marciais eram vistas tanto como um conjunto de técnicas de ataque e defesa - para a sobrevivência de um país e de indivíduos -, como também uma expressão da cultura física e intelectual de um povo. Com o desenvolvimento das sociedades modernas e com a consequente comercialização e especialização dos seus sectores, as artes marciais tiveram que ajustar os seus princípios e tomaram a forma de competições, orientada para os ganhos (Ahn, Ho Hong, & Park, 2009).

Na generalidade, os indivíduos aprendem as artes marciais por uma grande variedade de razões que incluem o exercício físico, a curiosidade, o empoderamento pessoal e a redenção através da dor (Svinth, 2001).

Um indivíduo quando se encontra numa situação desfavorecida - ex., pobreza, exclusão, conflitos sociais ou raciais - tende a desenvolver um carácter mais assustador e intimidador e procurar grupos que lhes deem a proteção física e emocional de que necessitam. Por outro lado, usam as imagens de dragões e ao uso de facas e tatuagens para representar e "glorificar" a proteção recebida (Homma, 2008).

Por outro lado, também o uso dado às artes marciais pelas diferentes sociedades é diversificado, podendo assumir-se como: meio de interação social agressiva; atividade de cariz religioso; meio para exorcizar os demónios; parte de rituais funerários; meio de promoção da solidariedade entre um grupo; forma de luta pela honra e reputação; construção de tradições; estímulo à desordem; parte de treinos militares e paramilitares; mecanismo de obtenção de benefícios económicos e de status; método para o desenvolvimento muscular; expressão de nacionalismo; instrumento dentro dum cenário político; parte de rituais de passagem (Svinth, 2001).

---

<sup>1</sup> A expressão "arte marcial" tem origem no latim, sendo que arte deriva de ars ou artis (que significa método, técnica, conduta e carácter) e marcial advém de mars ou martis, que remete para o deus Romano da guerra (Figueiredo, 2009).

### **1.1.2. Breve história das artes marciais em Timor-Leste.**

De acordo com artigo 1º da Lei do Parlamento Nacional Timorense, nº10/2008, as artes marciais são entendidas como "técnicas constituídas por práticas tradicionais, nativas e culturais, memorizadas por rotinas ou padrões, muitas vezes identificadas por modalidades desportivas e acompanhadas de treino de combate, bem como os movimentos corporais criativos introduzidos nessas técnicas que pela sua perigosidade se devam considerar como semelhantes" (p. 2453).

A chegada das artes-marciais a Timor parece ter duas origens distintas. Algumas práticas advêm do tempo de ocupação Indonésia e ao manterem uma forte ligação com este país, mantêm igualmente uma forte conotação espiritual, mística e religiosa, estando focadas em filosofias pacifistas e no cuidado aos seus membros (Esperança, 2004; Siapno, 2012)

Outras práticas foram resultado dum fenómeno de globalização, pelo que foram importadas para o território Timorense com configurações distintas da sua origem e já sem a carga mística e religiosa original - como é exemplo o Judo difundido no âmbito da Mocidade Portuguesa, no tempo da administração colonial (Esperança, 2004). Muitas destas artes, despidas da filosofia de base que lhes terá dado origem, baseiam-se somente nos instintos primitivos humanos de luta pela sobrevivência e na necessidade de proteção referidos anteriormente. Focam-se na proeza técnica e na superioridade física, sendo que o sucesso na prática pode ser medido pela infligência de dor, danos ou até morte (Homma, 2008).

Durante o período de ocupação pelo regime Indonésio, as artes marciais assumiram-se como ferramenta de controlo social: no sentido de passar um conjunto de valores pró-Indonésia, o governo Indonésio incentivava os jovens Timorenses a integrar estes grupos, aliciando-os com bolsas de estudo, oportunidades de emprego e de proteção (Scambary, 2009b). Porém, simultaneamente, um grande número de grupos formou-se como expressão do movimento de resistência ao regime, que se opunha a qualquer subjugação ao poder colonial.

Estes grupos constituíram células clandestinas que apoiavam e forneciam bens às tropas da FALINTIL<sup>2</sup> (Siapno, 2012; Scambary, 2009b; Ostergaard, 2005).

---

<sup>2</sup>A sigla FALINTIL diz respeito ao movimento de Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste, braço armado do partido FRETILIN - Frente Revolucionária de Timor-Leste, criado a 20 de Agosto de 1975.

Depois da independência os grupos continuaram a emergir tendo-se tornado numa característica intrínseca da comunidade Timorense, alegando proteger os seus membros e as suas comunidades contra os ataques de comunidades vizinhas, como também participar na coesão comunitária, através da promoção de atividades coletivas e socialmente orientadas (TLAVA, 2009a; Scambary et. al, 2006; Scambary, 2009b). Porém, em muitos casos os GAM tornaram-se causa de insegurança e a razão para a fragmentação da comunidade em fações segundo a pertença a grupos de artes marciais diferenciados.

No contexto pós-conflito atual, os GAM perduram e lutam para encontrar um novo papel no seio da comunidade Timorense, já distante da luta pelos ideais da democracia e liberdade. No geral, a pertença a esses grupos parece agora fundamentar-se em razões complexas como sejam o trauma pós-guerra, a baixa autoestima, a ameaça à masculinidade, a necessidade de proteção/segurança, o isolamento social, o desemprego ou o baixo estatuto social. O grupo muitas vezes transmite-lhes o sentido de pertença, o sentido de lar (quando se encontram em aldeias distantes da sua residência) e até uma fonte de rendimento. Para alguns indivíduos, estes grupos permitirão recuperar a ligação com um passado de resistência, pela constituição de uma fraternidade (Scambary, 2009a). Para outros, a pertença ao grupo está associada à afirmação da masculinidade, considerando-a como parte fundamental da identidade do homem Timorense (Ostergaard, 2005). Outros autores referem que os GAM parecem ser, na sua essência, catalisadores de valores como autodisciplina, camaradagem, lealdade, esforço pessoal, autoconfiança, a par de proporcionarem exercício físico e capacidades de autodefesa (Esperança, 2004).

Homma (2008) defende que o surgimento dos GAM está associado a um universo imaginário resultante da maior acessibilidade a filmes sobre artes marciais - muito populares em Timor-Leste - a partir dos quais os indivíduos e grupos desenvolvem as suas próprias interpretações das práticas. Aqueles que vivem em ambientes inseguros - ex., marcados pela pobreza, violência ou instabilidade política - tendem a idolatrizar os heróis dos filmes de ação de artes marciais e este tipo de mentalidade de culto com alguma facilidade se materializa na constituição de grupos de gangs marciais. A liderança destes é assumida por indivíduos que conseguem reproduzir e desenvolver um elevado nível de proficiência técnica nas artes que

veem no écran, defendendo, muitas vezes, a ideia de luta até à morte, com base no seu próprio conceito de honra.

Siapno (2012) refere que as artes marciais poderão ter ganho uma expressão da resiliência dos indivíduos e comunidades Timorenses, do retorno ao bem-estar coletivo, uma negação da vitimização e até dum movimento de resistência à perpetuação do conflito. Sob um outro olhar, um estudo recente de Scambary (2012) associa também a emergência destes grupos à necessidade de constituição de autoridades não-formais, em bairros da cidade de Dili onde o constante fluxo rural, a disputa por territórios, associado à ausência de um policiamento efetivo e à incapacidade das autoridades formais, são precipitantes de conflitos intergrupais. Em consonância, um relatório do Banco Mundial de 2007 refere que muitos jovens que migram para Dili, vivem sem supervisão dos seus familiares e sem a liderança tradicional e religiosa que encontram nas suas aldeias de origem. Por outro lado, a capital não oferece meios eficazes para controlar o comportamento juvenil. Assim, desconectados das normas e estruturas sociais, muitos jovens juntam-se às artes marciais e a outros grupos onde podem constituir relações de confiança com jovens semelhantes e com elementos de gerações mais velhas, em quem encontram novos modelos que os podem proteger e apoiar (The World Bank, 2007)

### **1.1.3. Os GAM e a instabilidade social: a perceção da comunidade Timorense.**

Os media e os relatórios de organizações internacionais apontam os GAM Timorenses como potenciais ameaças à segurança e estabilidade do país. Tal ficou particularmente evidente durante a crise de 2006 e no período eleitoral de 2007, durante os quais foi largamente citado o envolvimento destes grupos em atos de intimidação e perseguição políticas (Chinn & Everett, 2008; TLAVA, 2009b). Por outro lado, são frequentemente noticiados os conflitos entre membros de diferentes grupos conducentes a feridos, mortos e destruição de bens, responsáveis por criarem um ambiente de insegurança no país, sendo conseqüentemente um obstáculo a um clima de paz continuado (CEDAP, 2010).

A perceção da comunidade Timorense parece ter sido permeável à visão dos grupos enquanto fatores de insegurança no país e como fomento duma cultura de violência instalada sobretudo entre os jovens. São expressivos disso, os resultados de alguns estudos

desenvolvidos em Timor-Leste, onde foi revelado que a violência entre os grupos de artes marciais é uma das principais preocupações da população da faixa etária dos quinze aos vinte e nove anos (Ostergaard, 2005); neste sentido, as atividades dos GAM e gangs são percebidas como um dos problemas sérios de segurança no país e estes grupos são considerados como muito ativos sobretudo nas comunidades locais (Chinn & Everett, 2008); assim, os grupos juvenis e de artes-marciais têm sido considerados a principal fonte de violência urbana na capital Timorese (Muggah, 2010).

Esta associação dos GAM à instabilidade social parece, por seu lado, estar relacionada com a elevada taxa de desemprego e elevado número de jovens desocupados, o que facilita a mobilização destes grupos para a violência (CEDAP, 2010). Alguns autores postulam a existência de uma relação próxima dos diferentes grupos com partidos políticos (e.g., Scambary, 2009a) o que potenciará o conflito, sobretudo em períodos eleitorais. Tal como referido anteriormente, geralmente os grupos de artes marciais não estão formalmente associados a partidos políticos, ainda que seja permitido aos primeiros uma afiliação política. No entanto, e segundo o The World Bank (2007), quando elementos influentes de um dado GAM se encontram associados a um partido, e tendo em conta os sistemas de relações e lealdades que caracterizam a sociedade Timorese, acredita-se que todo o grupo é conduzido a apoiar esse mesmo partido; daqui decorre a crença de que o partido político irá beneficiar da rede que o GAM oferece, traduzida no seu poder nas ruas e capacidade de ameaçar e provocar a oposição.

A infiltração de membros de GAM nas forças de segurança Timorese poderá, igualmente, aumentar este sentido de insegurança, para além de criar potenciais conflitos de lealdade. Alguns membros referem que a lealdade ao chefes dos GAM precede qualquer uma das outras lealdades que possam advir dos outros papéis sociais assumidos pelos indivíduos (Scambary et. al, 2006; Muggah, 2010), o que poderá de facto gerar um conflito de interesses complexo.

O trabalho de Ostergaard (2005) explorou a perceção que membros dos GAM têm sobre o fenómeno de violência associado aos seus grupos. Os membros acreditam que não terá havido um aumento do número de incidentes nos últimos anos, mas doutro modo houve um aumento da atenção neles posta, a persistência de casos que não ficaram resolvidos numa primeira instância e a tendência para transformar qualquer questão num problema das artes marciais,

sendo os GAM, segundo eles, utilizados como subterfúgios para problemas socioeconómicos mais sérios. Ainda, os conflitos terão na sua base conflitos pessoais menores, que vão escalando pelo apoio dado por diferentes grupos aos seus membros que neles estejam envolvidos, ou então serão provocados por elementos adolescentes que tiveram apenas participações pontuais nos treinos e que apresentam uma tendência para reagir violentamente.

Como refere Arnold (2009) a atividade regular destes grupos deve ser entendida como benigna e a violência de rua, ao qual estão muitas vezes associados, deveria ser compreendida como uma ação extrema e artificial, não sendo o âmago ou uma característica de definição da sua atividade.

#### **1.1.4. As respostas governamentais às problemáticas dos GAM.**

No sentido de responder a esta problemática, as entidades governamentais Timorenses tomaram algumas medidas com vista ao controlo da ascensão da violência, minimizando, assim, o impacto negativo das ações destes grupos bem como prevenir o envolvimento destes grupos na propagação da violência no seio duma comunidade política e socialmente fragilizada. Neste âmbito destaca-se o trabalho desenvolvido em 2005 pelo gabinete da Presidência de Timor-Leste apoiado pela The Asia Foundation, que reuniu os líderes dos diversos grupos de artes marciais para aceitar um código de conduta<sup>3</sup> para as artes marciais, estabelecer um compromisso de resolução pacífica de conflitos futuros e constituir uma plataforma para representar todos os grupos a nível nacional, denominada FOKAMTIL. Numa segunda fase, este projeto passou pelo apoio a programas de capacitação dos membros desta plataforma, ao nível de competências de mediação e liderança, no sentido de fortalecer as ligações dos vários grupos com esta e de assegurar a compreensão do código de conduta estabelecido. Segundo dados de 2007, estas ações terão conduzido a uma bem sucedida

---

<sup>3</sup> Uma declaração conjunta foi assinada pelos líderes de 10 dos 14 grupos de artes marciais convidados pelo Presidente da República Xanana Gusmão, no sentido de renunciarem à violência contra os membros de outros grupos. Este acordo viria a substituir um prévio acordo verbal constituído entre os grupos e o governo que havia sido apressadamente elaborada nos meses que sucederam à declaração da Independência de Timor-Leste, em 2002 (Agência LUSA, 2005).

mediação de conflitos a nível distrital e ao evitamento da participação dos GAM em episódios de violência que ocorreram no país entre Abril e Maio de 2006 (The Asia Foundation, 2007).

Em Julho de 2008 foi decretada a Lei nº10/2008 sobre o Exercício das Artes Marciais que "atendendo à especial perigosidade de algumas das técnicas utilizadas na prática dessas artes" e "por se assistir a um desvio na finalidade da prática desse tipo de atividades, que tem vindo a despoletar um acréscimo de criminalidade e violência no seio da sociedade timorense" (p.2453) estabelece um enquadramento jurídico para as práticas destes grupos. A Lei prevê também a constituição duma Comissão Reguladora das Artes Marciais "para supervisionar as atividades dos centros, clubes ou escolas quanto ao ensino, aprendizagem e exercício de artes marciais" (p.2454).

Apesar destas e doutras medidas, dados mais recentes indicam a existência de sucessivas quebras nos acordos de paz estabelecidos, com inúmeras ações de violência que já resultaram na destruição de bens, propriedades e vidas, conduzindo o Conselho de Ministros de Timor, em comunicado de imprensa, a apresentar em Dezembro de 2011 a decisão de suspender a prática das artes marciais por um período de um ano. Mais recentemente, em reunião extraordinária, o Conselho de Ministros decidiu extinguir três dos GAM Timorenses, considerando a ineficácia das medidas anteriormente tomadas, a falta de responsabilidade dos líderes dos grupos para assegurar o cumprimento dos compromissos assumidos, os constantes incidentes no país e recentemente na Indonésia<sup>4</sup>.

## **1.2. A Psicologia Comunitária**

### **1.2.1. Definições e características.**

A Psicologia Comunitária perspetiva o indivíduo nas suas múltiplas relações, quer a nível interpessoal, como também com as comunidades e com a sociedade onde se insere. Cabe aos psicólogos comunitários realizar este exercício de compreensão do comportamento e do bem-estar de uma pessoa inserida nos seus contextos (ex., família, bairro, local de trabalho, escola), assumindo que esta não pode ser compreendida fora destes (Dalton, Elias, & Wandersman, 2007; Nelson & Prilleltensky, 2005; Levine, Perkins, & Perkins, 2005; Orford, 1992; Orford, 2008). Nesta perspetiva, o profissional da saúde mental exerce o seu papel de "consultor",

---

<sup>4</sup> Comunicado de Imprensa, 2 de Julho de 2013.

fornecendo o apoio que a comunidade e os líderes necessitem, de forma contribuir para a eficácia da comunidade. Por outro lado, o seu trabalho passa também pelo estudo e compreensão dos processos comunitários e por uma cuidadosa intervenção ao nível da comunidade, a fim de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos que nela vivem (Ornelas, 1997).

Esta perspetiva da Psicologia, enfatiza a natureza ecológica dos fenómenos sociais (centrada no ajuste entre as pessoas e os seus ambientes), é considerada a relatividade e cultural e a diversidade dos grupos humanos (recusando a adoção de padrões universais para avaliar o comportamento humano) e é assumida como meta a mudança social (Nelson & Prilleltensky, 2005; Ornelas, 1997).

Segundo Ornelas (1997), a partir desta visão ecológica, foram definidos cinco princípios fundamentais associado à prática da Psicologia Comunitária: 1) o aparecimento de um problema ocorre num dado contexto ou situação; 2) existe interdependência entre as pessoas e os seus contextos, sendo partes dum mesmo sistema integrado; 3) o apoio a fornecer deverá ir ao encontro do indivíduo e do seu contexto; 4) os valores e objetivos do profissional deverão estar em consonância com os valores e objetivos do contexto para o qual se oferece apoio; e 5) o apoio prestado deverá fazer uso dos recursos do contexto ou de recursos a introduzir no contexto e que possam passar a ser parte integrante do mesmo.

Embora não exista uma definição única para a Psicologia Comunitária, muitos autores concordam que se trata da área da Psicologia que "se ocupa das relações dos indivíduos com as comunidades e sociedades. Através da integração da investigação na ação, procura compreender e promover a qualidade de vida dos indivíduos, comunidades e sociedades. A Psicologia Comunitária é guiada pelos seus valores fundamentais de bem-estar individual e familiar, sentimento de comunidade, respeito pela diversidade humana, justiça social, participação cívica, colaboração e fortalecimento comunitário e fundamentação empírica (Dalton et al., 2007; Ornelas, 2008).

O principal objetivo da psicologia comunitária é "otimizar o bem-estar das comunidades e dos indivíduos, através de intervenções inovadoras e alternativas, desenhadas em colaboração com os membros da comunidade alvo e com outras disciplinas dentro e fora da Psicologia" (Duffy & Wong, 2003, p.8).

### **1.2.2. Principais conceitos.**

A fim de sistematizar a vasta literatura sobre esta disciplina, e os vários conceitos e teorias a ela associada, alguns autores (ex., Nelson & Prilleltensky, 2001) identificaram um conjunto de princípios e conceitos gerais que têm vindo a orientar quer o estudo, quer a intervenção em Psicologia comunitária, e que seguidamente serão apresentados.

**1.2.2.1. Abordagem ecológica.** Esta abordagem postula que o ambiente exerce efeitos significativos no comportamento humano e, portanto, este último pode ser melhor explicado e manipulado se forem explorados os fatores ambientais que sobre ele exercem influência (Levine et al., 2005; Ornelas, 1997, 2008). Estes fatores, reportam não só ao ambiente social imediato - família, grupo de amigos ou grupo de trabalho - mas devem expandir-se a contextos mais amplos (Orford, 2008). É de notar que esta relação pessoa-contexto não é unilateral, ou seja, as experiências e comportamentos dos indivíduos são profundamente afetadas pelas características dos contextos nos quais se encontram, como também os contextos são criados e moldados por aqueles que os ocupam (Dalton et al., 2007; Orford, 1992).

No âmbito deste paradigma ecológico, Urie Bronfenbrenner (1979) concebeu o modelo ecológico do desenvolvimento humano (ver figura 1), que assume que "o desenvolvimento humano é um produto da interação entre o organismo humano em crescimento e o seu ambiente" (p.16), Este modelo pressupõe que um indivíduo está inserido numa variedade de contextos sociais que se localizam níveis diferenciados, sendo que cada um deles vai influenciar o desenvolvimento humano. Desta forma, o ambiente ecológico é entendido como um conjunto de estruturas, que se encontram integradas em estruturas sucessivamente mais amplas, sendo que no nível mais interno se encontra o contexto imediato da pessoa em desenvolvimento. Por outro lado, são consideradas as relações entre os vários contextos, sendo estas, segundo o autor, decisivas para o desenvolvimento. O nível mais próximo do indivíduo - microsistema - corresponde aos sistemas nos quais o indivíduo têm uma experiência direta e numa base regular (ex., casa). O nível seguinte - mesossistema - corresponde a dois ou mais dos microsistemas e as relações entre si (ex., casa-escola). O exossistema compõe o nível seguinte e refere-se a "um ou mais contextos que não englobem a pessoa em desenvolvimento enquanto participante ativo, mas cujos nos quais ocorrem

(determinados) eventos que afetam, ou são afetados por, aquilo que acontece no contexto que integra a pessoa em desenvolvimento" (p.25). O último nível denomina-se macrosistema e determina a ideologia e estrutura social dentro das quais o indivíduo e os seus micro, meso e exossistemas operam (Bronfenbrenner, 1979).

Figura 1. *Modelo Ecológico de U. Bronfenbrenner*

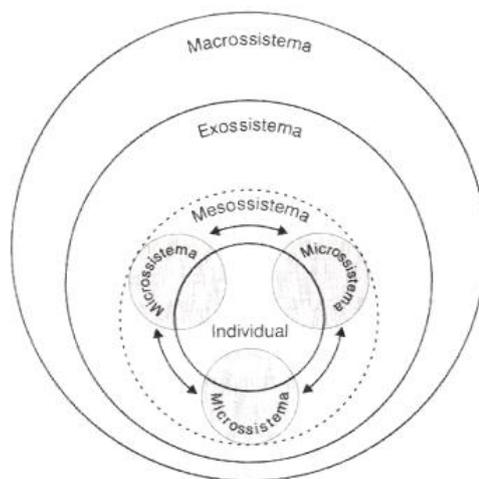


Figura X. Representação da estrutura do modelo de Bronfenbrenner (1979), com identificação do posicionamento do indivíduo no centro dos vários sistemas nos quais se integra. (Adaptado de Ornelas, 2008)

Mais tarde este modelo foi combinado com novos elementos, numa estrutura mais complexa e dinâmica, tendo os autores apresentado o modelo bioecológico do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 2006) que estabelece uma distinção entre meio e processo e assumindo dois pressupostos: 1) "o desenvolvimento humano ocorre através de processos progressivamente mais complexos de interação entre um organismo humano (...) e as pessoas, objetos e símbolos do ambiente externo imediato" (p.797). Esta interação quando ocorre de forma regular constitui os processos proximais. 2) "A forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais que afetam o desenvolvimento variam sistematicamente em função das características da pessoa em desenvolvimento, do ambiente (...), da natureza dos resultados do desenvolvimento em consideração e das mudanças e continuidades sociais que ocorrem ao longo do tempo no decurso da vida e do período histórico durante o qual uma pessoa vive" (p.798). Portanto, os processos da Ecologia do Desenvolvimento apresentam

quatro principais componentes: interação organismo-meio, características da pessoa em desenvolvimento, contextos (imediatos e distais) e tempo em que os processos ocorrem.

Esta perspetiva ecológica foi adotada pela Psicologia Comunitária, que integrou os seus conceitos fundamentais e construiu um paradigma marcado por uma visão holística sobre o indivíduo, ultrapassando a compreensão simplista do mesmo e defendendo a necessidade de compreendê-lo como parte integrante de sistemas abertos (Ornelas, 2008). Esta perspetiva - que considera os vários níveis ecológicos de análise e as múltiplas interações que entre eles se estabelecem - permite identificar as múltiplas causas de um problema e planear intervenções que possam gerar mudanças mais significativas e sustentáveis (Dalton et. al, 2007; Ornelas, 2008).

**1.2.2.2. A comunidade.** Não surpreendentemente, um dos conceitos centrais da Psicologia Comunitária é o conceito de comunidade, subjacente ao qual se encontra a ideia de proximidade entre pessoas, resultante de iniciativas partilhadas ou proximidade geográfica, constituindo grupos, bairros e estruturas alargadas. Seguindo a abordagem ecológica descrita anteriormente, pode considerar-se que um indivíduo vive dentro de muitas comunidades e em variados níveis, que, por sua vez, existem dentro de sociedades alargadas e, num último ponto de vista, inseridas num contexto mais global (Dalton et. al., 2007).

A literatura distingue entre comunidades baseadas na sua localização e comunidades relacionais. As primeiras definem-se por ligações interpessoais que se estabelecem entre os seus membros com base numa proximidade geográfica (e.g., bairros, localidades, cidades). Por outro lado, as segundas definem-se por relações interpessoais e por um sentimento de comunidade, que será oportunamente apresentado, não estando geograficamente limitadas (e.g., grupos de ajuda-mútua, clubes, congregações religiosas). De notar que estas designações não são mutuamente exclusivas (McMillan & Chavis, 1986)

A necessidade de pertencer a uma comunidade resultará, segundo esta abordagem, de aspetos psicológicos e práticos. Um indivíduo apresenta a necessidade de segurança emocional que obtém pela pertença a um grupo social onde os membros partilham as mesmas ideias e padrões comportamentais. Por outro lado, os indivíduos tendem a cooperar entre si para satisfazer as necessidades básicas da vida, tais como a alimentação, abrigo e segurança (Berns, 2004).

*Sentimento de comunidade.* Ao falar-se de comunidade, é particularmente importante estudar a força da ligação entre os seus membros, tendo esta sido designada por Sarason (1974) como sentimento de comunidade. Para o autor, este conceito refere-se ao "sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender" (citado por Amaro, 2007, p.25). O indivíduo compreende-se a como parte integrante e significativa de uma coletividade maior, bem como de uma rede de relações interdependentes e de suporte mútuo na qual pode depositar confiança e dela pode depender (Ornelas, 2008).

McMillan e Chavis (1986), na sequência de uma revisão de literatura realizada, apresentam uma descrição integrada deste conceito, aplicável tanto a comunidades territoriais como a comunidade relacionais, subdividindo-o em quatro elementos:

1. O *estatuto de membro*, que corresponde ao sentimento de pertencer e de constituir um relacionamento interpessoal, e que apresenta os seguintes elementos característicos: fronteiras (i.e., necessidade de definir aquilo que inclui os membros e que exclui os não-membros); símbolos comuns (ajudam a definir as fronteiras, identificar os membros ou o território); segurança emocional (resultante sobretudo da existência de fronteiras definidas); investimento pessoal (compromisso de longa duração com uma comunidade); e sentido de pertença e identificação (um indivíduo é aceite por uma comunidade e define a identidade pessoal parcialmente em termos de pertença à comunidade). Segundo os autores, estes aspetos vão interagir de forma a definir quem faz e não faz parte duma comunidade;

2. A *influência*, que está associada ao sentido de importância, de fazer a diferença no seio do grupo e da importância que o grupo assume para os seus membros. Assim, assume-se como um conceito bidirecional: por um lado, para que um membro seja atraído para um grupo, ele deverá ter alguma influência sobre aquilo que o grupo faz; por outro lado a coesão do grupo depende na habilidade do grupo para influenciar os seus membros;

3. A *integração e satisfação de necessidades*, que expressa o sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos oferecidos pelo grupo aos seus membros. Aqui se integram os benefícios obtidos pela pertença à comunidade, a obtenção de estatuto pela pertença, demonstração de competência e partilha de valores dentro do grupo.

Comunidades mais fortes fornecem, segundo McMillan e Chavis (1986), mais estas oportunidades para os seus membros, reforçando o valor da pertença comunitária.

4. Por último, a *ligação emocional partilhada*, que diz respeito aos compromisso e à crença de que os membros partilham uma história, lugares comuns, tempo em conjunto e experiências semelhantes. O número de eventos, a sua saliência e a sua importância ao conferirem mérito ou estatuto à comunidade e aos seus membros, vão influenciar o desenvolvimento de uma ligação emocional partilhada entre os membros da comunidade (ver também Bess, Fisher, Sonn, & Bishop, 2002).

De acordo com a revisão de literatura apresentada por Amaro (2007), a investigação sobre o sentimento de comunidade é extensa, tendo tido especial interesse o estudo do impacto deste constructo no bem-estar de indivíduos e comunidades. O sentimento psicológico tem sido associado a sentimentos de segurança e proteção, a comportamentos cívicos (ex., ir votar ou reciclar), prossociais (ex., ajuda ao próximo). O sentimento individual de bem-estar, de felicidade, de autoeficácia, também foram associados ao sentimento de comunidade.

**1.2.2.3. Suporte Social.** No sentido de se compreender os elementos do ambiente dos indivíduos que contribuem para a manutenção e promoção do seu bem-estar, investigadores de diferentes disciplinas, apesar das discrepâncias de linguagens e conceitos utilizados, têm reconhecido a importância da forma como as vinculações humanas estão estruturadas em sistemas de suporte e os recursos que são trocados entre membros desses sistemas (Gottlieb, 1981; Barrera, 1986). O suporte social surge, então, como um aspeto fundamental ao desenvolvimento e bem-estar humano, surgindo da relação entre indivíduo e os sistemas sociais nos quais participa, constituindo, dessa forma, um conceito fundamental para a compreensão das ligações existentes entre os indivíduos e as suas comunidades (Orford, 1992).

O suporte social é geralmente entendido como a presença de pessoas nas quais se pode confiar e que manifestam cuidado, apreço e afeto por um indivíduo (Saranson, Levine, Basham, & Sarason, 1983). Apesar da literatura também não ser consensual quanto aos tipos de suporte existentes (Cooke, Rossman, McCubbin, & Patterson, 1988; Sarason et. al., 1983) Orford (1992), por exemplo, assume que existem cinco tipos de suporte social: 1) o *suporte instrumental* - também designado por material, tangível ou de ajuda - diz respeito ao

fornecimento de bens e serviços que auxiliam a resolução de problemas práticos; 2) o *suporte emocional*, que se refere ao apoio fornecido sob a forma de encorajamento, calor humano, amor ou apoio emocional, envolvendo cuidado, confiança e empatia; 3) a *estima*, que corresponde à informação de que um indivíduo dispõe de que é estimado e aceito pelos outros significativos; 4) *suporte informativo*, que engloba a informação, conselho e orientação fornecidos; e por último, 5) a *camaradagem*, que diz respeito ao tempo que é passado com outras pessoas em atividades de lazer e recreativas.

Estudo sobre o suporte social indicam que este se trata de um recurso fundamental para o bem-estar de um indivíduo e que constitui um fator crítico para que este consiga mais facilmente superar determinadas situações geradoras de ansiedade ou que o colocam em risco (Levine et al., 2005; Benard, 1991).

Por outro lado, o impacto deste constructo no bem-estar individual, está relacionado com as características da rede de relações no qual ele é encontrado, nomeadamente no que diz respeito à: multidimensionalidade das relações (ou seja, diferentes tipos de relações mantidas), densidade da rede (i.e., número de laços existentes entre os vários membros de um rede) e reciprocidade do suporte (i.e., o suporte é recebido e dado). A investigação (Dalton et al., 2007).

#### **1.2.2.4. O empowerment.**

A Psicologia Comunitária pressupõe, igualmente, o empoderamento ou capacitação (empowerment) dos cidadãos, organizações e bairros, e comunidades alargadas, partindo do estudo do indivíduo no seu contexto.

Zimmerman (1995, 2000) apresenta o empowerment como "um processo pelo qual as pessoas, organizações e comunidades ganham mestria sobre os assuntos que lhes dizem respeito". Desta forma, ficam enfatizados três níveis aos quais os conceitos se associa - individual, organizacional e comunitário - estando estes intimamente interrelacionados:

- ao nível individual encontra-se o empowerment psicológico que integra a percepção que indivíduo tem de controlo sobre a sua vida, uma atitude proativa face à mesma, e uma compreensão crítica do ambiente sociopolítico;

- ao nível organizacional, estão englobados os processos e as estruturas necessárias ao desenvolvimento das competências dos seus membros e que lhes proporcionem o apoio necessário para que possam provocar mudanças na comunidade;

- ao nível da comunidade, o empowerment refere-se ao modo como as pessoas trabalham em conjunto e promovem as ligações entre comunidade, agências e organizações, de forma a contribuir para uma melhoria da qualidade de vida.

Estas competências analíticas resultam da participação em atividades e organizações comunitárias (ex., paróquias, grupos de bairro), ajudam a reduzir o sentimento de impotência, alienação ou isolamento da vida da comunidade. Estas organizações constituem também oportunidades para a aprendizagem de novas competências, desenvolver o sentimento de comunidade, construir o sentido de controlo e confiança e melhorar a vida da comunidade (Zimmerman, 2000).

Outros aspetos associados ao conceito de empowerment são enfatizados pela literatura, como seja, o apoio fornecido aos indivíduos em desvantagem social (Levine et. al., 2005); a promoção de valores como o respeito mútuo, o cuidado com o grupo e a partilha de recursos, sobretudo com os mais desfavorecidos, de forma a contribuir para a igualdade de oportunidades (Perkins & Zimmerman, 1995); a participação ativa na democracia da comunidade (Rappaport, 1987); e o sentimento de comunidade (que foi anteriormente desenvolvido) que dará aos membros da comunidade o sentido de controlo e suporte social necessários para o desenvolvimento do empowerment (Chavis & Newbrought, 1986, citados por Miers & Fischer, 2002).

Zimmerman (2000) considera que o empoderamento pode ser considerado como um conjunto de valores orientadores da intervenção com a comunidade. Desta forma a intervenção psicológica e a mudança social, vão orientar-se numa nova direção, procurando a saúde, a adaptação, a competência e os sistemas naturais de ajuda. A abordagem do empoderamento, aliás como é característico da abordagem comunitária, vai para além de "tratar" os aspetos negativos duma situação; doutra forma, procura promover o bem-estar, identificar potencialidades e procurar por influências ambientais para determinada situação.

### 1.2.5. Enfoque na prevenção

Decorre daquilo que tem sido apresentado sobre a Psicologia Comunitária, que esta se encontra focalizada na prevenção (em oposição ao tratamento) o que implica uma ação ainda antes de um problema se manifestar num indivíduo ou numa comunidade. A prevenção apresenta vários níveis: primária (quando se tenta que um problema nunca chegue a acontecer ou quando se trabalha com uma população que apresenta o risco de manifestar determinado problema de forma a que este não se manifeste); secundária (associada à tentativa de tratar um problema o mais cedo possível antes que se torne grave e persistente; ou seja, trabalha-se com pessoas em situação de risco e que já manifestam alguns sintomas ou problemas); e terciária (pretende reduzir a gravidade de um problema cuja manifestação é persistente, isto é, os indivíduos em risco já manifestam alguns sintomas ou comportamentos problemáticos de forma persistente) (Duffy & Wong, 2003).

Para Kelly e Hess (1987) a prevenção está intimamente associada ao paradigma ecológico, e passa por ativar e desenvolver recursos nos vários contextos onde se vai intervir. Ou seja, parte de uma identificação dos recursos existentes e de uma promoção da capacidade dos participantes de forma a que haja um aumento da capacidade da comunidade em fazer face ao stress e elevarem o seu empoderamento.

Intimamente associados à ideia de prevenção, e como aliás já têm vindo a ser referidos, encontram-se três outros conceitos fundamentais da psicologia comunitária: risco, proteção e resiliência.

Segundo Garmezy (1994) o risco é entendido como um conjunto de fatores que acentuam uma doença ou um estado deficitário, bem como os processos que os subjazem. Para Poletto e Koller (2011) os fatores de risco estão relacionados com todo o tipo de eventos negativos que quando se manifestam aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e sociais. Estes fatores podem estar associados a percursos biológicos e comportamentais, a predisposições da personalidade, de carácter genético e ambiental; experiências ansiogénicas, entre outros.

A proteção está ligada aos processos que se vão contrapor esses fatores de risco, ou seja, corresponde ao conjunto das "caraterísticas dos indivíduos e dos contextos que funcionam como formas continuadas de aumentar ou fortalecer as capacidades biológicas, psicológicas,

sociais e/ou emocionais dos indivíduos para manter o seu bem-estar e um funcionamento adaptado na sociedade" (Ornelas, 2008). São exemplos de fatores protetores referidos na literatura: o cuidado recebido, competências de resolução de conflitos, atratividade, competência manifesta e eficácia percebida (ex., Garmezy, 1994); o suporte social (ex., Sandler, 1980).

A resiliência consiste em processos de proteção que permitem que um indivíduo consiga ser bem sucedido a ultrapassar uma situação adversa (Ornelas, 2008). Segundo Rutter (citado por Poletto e Koller, 2011) a resiliência trata-se do processo final de mecanismos de proteção que, não eliminando os riscos, estimulam o indivíduo a confrontar-se com ele.

### **1.3. Contributos da Psicologia Social: Uma Análise em Torno do Conceito de Grupo**

#### **1.3.1. Definições e características.**

Em termos gerais, a psicologia social tem sido definida como sendo uma ciência que estuda "*os efeitos dos processos sociais e cognitivos na forma como os indivíduos se percebem, influenciam e relacionam*" (Smith & Mackie, 2007, p. 5), e parte de dois princípios fundamentais: 1) as pessoas constroem a sua realidade; e 2) a influência social impregna toda a vida social (Smith & Mackie, 2007).

A psicologia social, procura estudar os fenómenos sobretudo a quatro níveis de análise. O nível intrapessoal, que diz respeito à maneira como os indivíduos organizam a sua percepção e a sua avaliação sobre o ambiente social e o seu comportamento face ao mesmo. O nível interindividual ou situacional, que assume como seu principal objeto de estudo a dinâmica das relações que se estabelece entre os indivíduos e uma determinada situação. O nível posicional, que se foca nas diferenças de posição social entre diferentes categorias de indivíduos e o seu efeito nas interações sociais. E, por último, o nível ideológico, que assume que cada sociedade desenvolve as suas ideologias, isto é, um conjunto de crenças, representações, avaliações e normas que devem justificar e manter a ordem das relações sociais (Doise, 1982).

Neste enfoque na interação entre indivíduo e ambiente social, o interesse pelas dinâmicas internas e externas dos grupos sociais tem ganho uma especial atenção.

### **1.3.2. Os grupos sociais: a diversidade de definições.**

A literatura dentro da abordagem da psicologia social tem revelado uma variedade de definições para o conceito de grupo social, distintas pela tónica colocada em aspetos variados do funcionamento grupal (ex, Forsyth, 2010)

De Lamater (1974), tenta fornecer uma definição compreensiva e precisa para o conceito de grupo. Na sequência da sua análise em torno de um conjunto de definições formais existentes para o conceito de grupo, o autor propõe que a definição de grupo contemple as seguintes características "interação entre indivíduos, percepções sobre outros membros e o desenvolvimento de percepções partilhadas, o desenvolvimento de laços afetivos e o desenvolvimento de interdependência ou de papéis" (p.39). Esta definição considera, assim, quatro dimensões: afetiva, comportamental, cognitiva e estrutural.

Por seu lado, Forsyth (2010) considera que refletir sobre grupos sociais é pensar em conjuntos de pessoas entre as quais podem ser identificadas ligações que as unem. Neste sentido, o autor considera um grupo como "dois ou mais indivíduos que estão ligados entre si por relações sociais" (p. 3). Esta definição mostra-se aplicável aos mais variados tipos de grupos - de pequena e grande dimensão - e enfatiza a conexão entre indivíduos, podendo esta corresponder a laços emocionais fortes (ex., família) ou relativamente fracos e mais suscetíveis de se quebrarem com a passagem do tempo. Por último, esta definição realça o facto dos membros se encontrarem ligados a nível social, podendo esta ligação apresentar-se com uma natureza diferenciada (ex., comunicação entre membros, ou influência mútua).

Ainda, segundo Vala (1997), o conceito de grupo tem sido orientado por duas grandes tradições da Psicologia Social. Uma delas assume a existência de uma interdependência funcional entre os membros e uma estrutura interna de um grupo. Numa segunda tradição, o grupo surge associado a processos de categorização social e de autocategorização. Na sequência desta segunda perspetiva, assume-se que "um grupo existe quando duas ou mais pessoas se definem a si próprias como seus membros e quando a sua existência é reconhecida pelo menos por uma outra pessoa" (Brown, 1988, pp.2-3). Segundo esta definição, o grupo resulta, assim, de processos sociocognitivos, concretamente a categorização, e é enfatizada a importância da relação intergrupala, havendo a combinação da auto-categorização e da hetero-categorização. Por outro lado, esta conceptualização de grupo integra tanto

categorias sociais alargadas como pequenos grupos (Vala, 1997). É nesta linha que Tajfel e Turner (1979) postulam que um grupo pode ser definido como "*um conjunto de indivíduos que se percebem como sendo membros duma mesma categoria social, partilham algum envolvimento emocional nesta definição comum de si próprios, e alcançam algum nível de consenso sobre a avaliação do seu grupo e da sua pertença a ele*" (p.40).

### **1.3.3. O estudo dos grupos: características e aspetos intragrupais.**

Tal como salientado em algumas das definições, o estudo dos grupos, independentemente da sua variabilidade, deve focar-se nas características e dinâmicas comuns à maioria deles, concretamente, na interação, interdependência, estrutura, coesão e objetivos (Forsyth, 2010) e também a sua simbologia, aspetos estes que seguidamente serão descritos.

**1.3.3.1. Interação.** Os processos de interação referem-se às trocas que ocorrem no seio do grupo, abarcando a forma e o conteúdo da comunicação entre membros (Jesuíno, 2010). Sobre este tópico, destaca-se o trabalho de Robert Bales a sua identificação de dois tipos de interação grupal, concretamente: interação relativa às tarefas e interação relativa às relações entre os membros. O primeiro tipo foca-se sobretudo nos projetos, planos e objetivos do grupo e, na maioria dos casos, requer uma coordenação das várias competências, recursos e motivações dos membros. O segundo tipo de interação foca-se nas trocas interpessoais e vai consolidar os laços emocionais que se constroem entre os membros (Forsyth, 2010).

**1.3.3.2. Interdependência.** Esta diz respeito à influência que cada elemento do grupo vai exercer nos resultados, ações e experiências dos outros membros. Este aspeto resulta ainda da capacidade revelada por cada elemento de influenciar e ser influenciado pelos restantes membros do grupo, influencia esta que pode ser sequencial (cada membro influencia um outro numa sequência) ou recíproca (quando existe influência entre dois ou mais elementos) ou de múltiplos níveis (quando a ação de um grupo vai influir no resultado dum grupo mais abrangente onde o primeiro está integrado) (Forsyth, 2010).

**1.3.3.3. Estrutura.** A estrutura corresponde ao padrão organizado que subjaz à forma como os membros se ligam entre si, determinando o tipo de ações que podem ser realizadas ou que são censuradas pelo grupo (Forsyth, 2006; Jesuíno, 2010). Segundo Sherif e Sherif (1969) a estrutura grupal pode ser entendida como uma rede interdependente de papéis e estatutos

hierárquicos (citado por Brown, 1988). Forsyth (2010) identifica três principais elementos da estrutura dos grupos:

- regras ou normas sociais, que são "representações cognitivas sobre os modos adequados de pensar, sentir e agir em resposta a objetos e acontecimentos sociais" (Smith & Mackie, 2007, p.319). Estas afetam quase todos os aspetos da vida humana, pois a totalidade das relações sociais é regulada por normas sociais. Um outro aspeto importante das normas sociais é que elas são específicas do grupo, não podendo existir fora dele, uma vez que emergem das interações dentro dos grupos, para que sejam aplicadas às mesmas e que os próprios membros do grupo garantam o seu cumprimento (Bernhard, Fehr, & Fischbacher, 2006);

- papéis, que se prendem com padrões previsíveis de comportamento associadas às posições que os indivíduos assumem dentro dos grupos. A diferenciação de papéis refere-se às diferentes expectativas que são tidas relativamente aos diferentes elementos ou às diferentes posições por eles ocupadas. Os papéis podem estar formalmente prescritos ou serem implícitos (Brown, 1988);

- relações interpessoais, que contemplam as conexões que se estabelecem entre os membros, sendo estas compostas pela distribuição da autoridade e do prestígio dentro do grupo, originando uma hierarquia de estatutos. Por outro lado, as relações interpessoais são ainda caracterizadas por padrões regulares de troca de informação - redes de comunicação (Forsyth, 2010).

**1.3.3.4. Objetivos e coesão.** Ainda sobre os aspetos a ter em conta na análise do funcionamento grupal, importa focar os objetivos e a coesão. Os primeiros constituem a razão pela qual o grupo existe, ou, por outras palavras, constituem os elementos de união entre os vários membros de um grupo, que se juntam para os alcançar. No que diz respeito à coesão, esta determina: a unidade existente no grupo e corresponde à força dos laços que unem os seus membros, o sentimento de atração entre eles e o grau de coordenação dos membros no sentido de serem alcançados os objetivos grupais (Forsyth, 2010).

**1.3.3.5. Os símbolos.** Alguns trabalhos têm sido realizados no sentido de explorar o papel que os símbolos têm na afirmação da pertença dos indivíduos a determinados grupos social. No campo da Psicologia Política, Butz (2009) apresenta um estudo sobre a importância dos

símbolos associados à identidade nacional. O autor defende que os símbolos nacionais constituem representações da pertença ao grupo, sendo que estes "*não representam apenas o conceito geral de "nação" como também condensam o conhecimento, valores, história, e memórias associadas à nação de um indivíduo*" (p.780). Eles vão permitir construir fronteiras entre os grupos - definindo quem é membro do endogrupo - e apresentam também uma componente emotiva associada aos sentimentos que cada indivíduo tem pela sua nação. A exibição destes símbolos parece ter na sua génese a necessidade de pertença a um grupo social. Quando expostos aos símbolos, os membros de um grupo parecem ativar a sua identidade associada a esse grupo e percebem uma maior semelhança entre si, promovendo um sentido de unidade, ou coesão (Butz, 2009).

No âmbito do estudo da identidade étnica<sup>5</sup>, alguns trabalhos enfatizam que os símbolos (a par da linguagem, religião, história) têm a função de reforçar e perpetuar o sentimento de pertença ao grupo, que pode gerar no indivíduo sentimentos de orgulho pelo seu grupo, continuidade com o legado passado e capacidade de sobrevivência para lá das competências pessoais (Cohen, 2004).

### **1.3.3. Funções dos grupos.**

Os grupos sociais parecem ter um papel importante na satisfação de determinadas necessidades dos seus membros. Jesuíno e Pissarra (2013) identificam, com base na revisão da literatura sobre este tema, quatro categorias que agrupam as principais necessidades satisfeitas pela pertença aos grupos: necessidade de sobrevivência (satisfeita pela cedência de um conjunto de recursos básicos); necessidades psicológicas (satisfeitas pela construção de relações de intimidade); necessidades informativas (satisfeitas por um conjunto de normas sociais partilhadas num grupo que permitem dar sentido ao meio circundante); e, por último, necessidades de identidade (satisfeitas ao longo do processo de comparação e diferenciação social que ocorre na interação com os outros membros do grupo e que fomenta o desenvolvimento de crenças sobre si próprio).

---

<sup>5</sup> Identidade étnica é considerada "um constructo psicológico, um conjunto de ideias próprias de uma pessoa sobre a sua pertença a um grupo étnico" (Bernal & Knight, 1993)

Stangor (2004) identifica, ainda, a redução da ansiedade, a promoção de uma autoestima positiva, a produtividade e a pertença como funções importantes cumpridas pelo grupo na vida dos seus membros.

#### **1.3.5. Pertença a um grupo: motivações interpessoais e intergrupais.**

Profundamente associados às funções desempenhadas pelos grupos, encontram-se as forças que levam os indivíduos a juntarem-se aos mesmos. Numa primeira análise, a motivação para a pertença a um grupo parece estar fortemente vinculada à sobrevivência: estamos motivados para interagir com os outros porque isso é adaptativo e porque os grupos nos permitem satisfazer diversas necessidades individuais (ex., Jesuíno & Pissarra, 2013).

Fiske (2004), por exemplo, postula a existência de três motivos centrais que conduzem as pessoas para a participação em grupos sociais, sendo eles: a pertença, a compreensão e o controlo. A pertença é descrita na literatura como uma motivação poderosa e fundamental, e expressa a ideia de procura de relações estáveis e fortes com os outros (Baumeister & Leary, 1995). Constituindo-se como uma motivação humana básica, impele os indivíduos à constituição de relações interpessoais "duradouras, positivas e significativas" (p.497). Para tal, as pessoas procuram interações interpessoais agradáveis, marcadas igualmente pela preocupação com o bem-estar mútuo. Por outro lado, um indivíduo está motivado para compreender e dar sentido ao seu ambiente para prever aquilo que vai acontecer em caso de situações incertas. Segundo a hipótese da redução da incerteza as pessoas demonstram esforço por reduzir a incerteza sobre o funcionamento e o seu papel no mundo social. Ao identificarem-se como membros de um grupo (autocategorização), o autoconceito, o comportamento e a perceção tendem a ser conduzidos para os padrões descritos e prescritos por esse grupo e, desta forma, a incerteza é reduzida (Hogg, Abrams, Otten, & Hinkle, 2004). Por outro lado, as pessoas preferem desenvolver significados que sejam partilhados e esta forma de compreensão social partilhada é geralmente desenvolvida quando se tornam membros dum grupo estável. Por último, a motivação pelo *controlo* encoraja as pessoas a sentirem-se competentes ao lidarem com os seus ambientes sociais e consigo próprias. O controlo engloba uma relação entre comportamento e resultados (Fiske, 2004).

### **1.3.5.1. A perspectiva motivacional da Teoria da Identidade Social.**

Uma outra perspectiva sobre a motivação humana para a integração em grupos sociais provém da Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979; Tajfel, 1982). Um primeiro ponto central desta teoria diz respeito à perspectiva da identidade integrada num continuum, sendo que num dos extremos se situa a identidade pessoal e no outro extremo a identidade social. Esta última é conceptualizada enquanto "parte do autoconceito do indivíduo que deriva do seu conhecimento de pertença a um ou vários grupos sociais e o valor ou significado emocional dessa pertença" (Tajfel, 1978, p.63).

As razões pelas quais as pessoas se juntam e se identificam com determinados grupos sociais estão fortemente associadas, segundo a mesma teoria, a duas motivações básicas: aumento ou manutenção de autoestima positiva (autoengrandecimento) e uma distintividade endogrupal positiva. Neste processo estão implicados três aspetos: comparação (social), categorização (social) e identidade (social).

Pela comparação social refere-se ao processo pelo qual são consideradas as diferenças entre o endogrupo (i.e., grupo ao qual um indivíduo pertence) relativamente aos outros grupos (i.e., exogrupos), bem como o valor que é atribuído a essas diferenças (Turner, 1991). À semelhança do que acontece no processo de categorização social (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987), quando são realizadas comparações sociais intergrupais, ou entre diferentes categorias sociais, há um esforço por se maximizar as diferenças entre o endogrupo e exogrupos significativos, mas também por tentar assegurar uma vantagem avaliativa para o endogrupo<sup>6</sup>. Portanto, sendo o endogrupo percebido de forma positiva, a identidade social dos seus membros é avaliada igualmente de forma positiva, o que conseqüentemente, contribui para uma autoestima igualmente positiva (Tajfel & Turner, 1979)

Na sequência do exposto, pretende-se recorrer aos conceitos quer da abordagem da Psicologia Comunitária, quer da abordagem da Psicologia Social para estudar os grupos de

---

<sup>6</sup> Esta diferenciação deverá ocorrer em situações sociais concretas e, segundo Tajfel e Turner (1979), apresenta alguns requisitos: a pertença ao grupo deve ser reconhecida pelo indivíduo como parte do autoconceito; as situações sociais deverão permitir comparações intergrupais e avaliação de atributos que sejam relevantes; os exogrupos de comparação deverão ser percebidos como relevantes.

artes marciais (GAM) Timorenses. Concretamente, pretende-se explorar, junto de membros e não membros de GAM: significado atribuído à pertença (aos GAM); motivações associadas à pertença (aos GAM); funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros; funções desempenhadas pelos GAM para a comunidade alargada e aspetos distintivos dos diferentes GAM.

## Capítulo II. Método

### 2.1. Metodologia Qualitativa

Face aos objetivos a que o presente trabalho se propôs, optou-se por realizar um estudo com a metodologia qualitativa. Esta constitui-se como uma forma de estudo da sociedade que se centra no modo como os seres humanos interpretam e atribuem sentido às suas realidades subjetivas (e.g., Vilelas, 2009). Na exploração do mundo próprio de cada indivíduo (isto é, emoções, motivações, símbolos, empatia e outros aspetos subjetivos que emergem da vida individual e em grupo), a metodologia qualitativa vai procurar centrar-se nas verbalizações que naturalmente emergem dos indivíduos e nos significados que estes atribuem às suas experiências (ex. Berg & Lune, 2012). Ainda, segundo Dalton et. al. (2007), tanto quanto possível, deverá haver um esforço para que o investigador assuma uma atitude reflexiva e tente compreender o indivíduo nos seus termos, na sua linguagem e tendo em conta o seu contexto específico. Esta metodologia geralmente faz uso de uma amostra pequena de participantes que possibilite o alcance do nível de detalhe pretendido, assumindo que a generalização dos resultados não é tão importante quanto a compreensão dos significados atribuídos pelos participantes aos fenómenos em estudo. Desta forma, obtém-se uma descrição "densa" das experiências pessoais. Esta metodologia envolve também uma sobreposição e alternância entre os processos de recolha, análise e interpretação dos dados (Dalton et al., 2007). Em suma, a metodologia qualitativa permite uma revisão e enriquecimento do conhecimento, mais do que verificar conclusões ou teorias anteriores (Elliot, Fisher, & Rennie, 1999).

No âmbito desta metodologia, foram escolhidos como método de recolha de dados para o presente estudo uma combinação entre grupos focais e entrevistas semiestruturadas, que descreveremos mais adiante.

### 2.2. Participantes

O presente estudo contou com a colaboração de 20 participantes (amostra de conveniência), na sua totalidade, de nacionalidade Timorense, com idades compreendidas entre os 17 e os 52 anos ( $M = 29.06$ ,  $DP = 10,07$ ). No quadro 2.1. encontra-se a informação relativa à descrição demográfica da amostra.

Quadro 2.1.

*Descrição demográfica da amostra.*

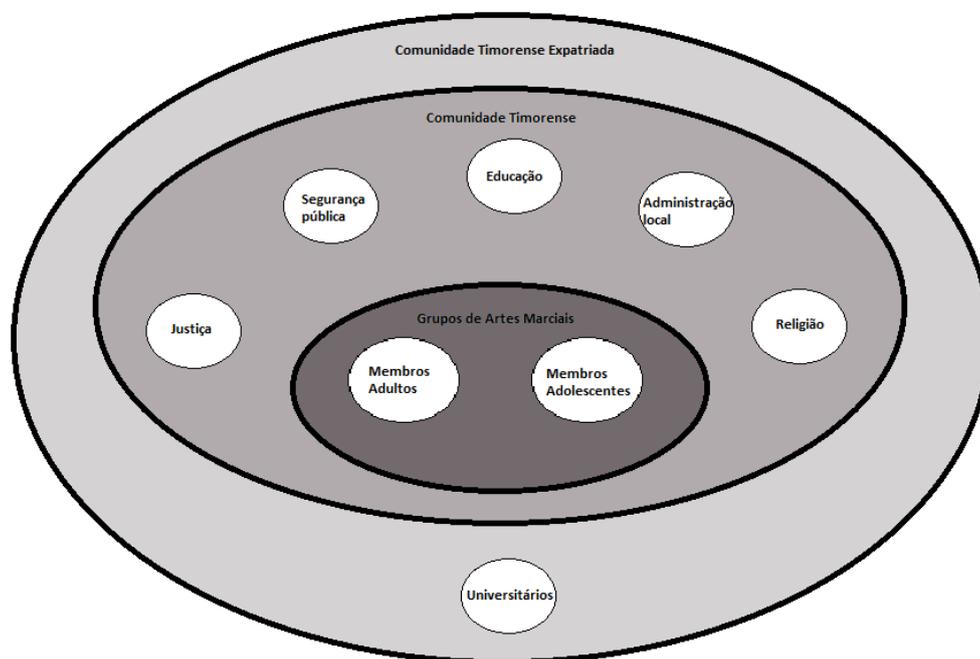
<b>Idade</b>	Mínimo	Máximo	Média	DP
	17	52	29.06	10.07
<b>Sexo</b>	Masculino	Feminino		
<b>n</b>	19	1		
<b>%</b>	95	5		
<b>Escolaridade<sup>7</sup></b>	Primário	Pré-secundário	Secundário	Superior
<b>n</b>	3	2	10	5
<b>%</b>	15	10	50	25
<b>Situação profissional</b>	Estudante	Trabalhador		
<b>n</b>	8	12		
<b>%</b>	40	60		
<b>Distrito de residência</b>	Covalima (Timor-Leste)	Dili (Timor-Leste)	Aveiro (Portugal)	
<b>n</b>	16	1	3	
<b>%</b>	80	5	15	
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	Casado		
<b>n</b>	9	11		
<b>%</b>	45	55		

Os participantes foram escolhidos pelo seguinte critério: tendo em conta os objetivos do presente estudo, procurou-se recolher informação junto de Timorenses com um contacto diferenciado com os GAM. Desta forma, os participantes podem ser distribuídos em três principais grupos (ver figura 2.1): 1) ao nível do endogrupo, foram entrevistados adultos e adolescentes membros de um GAM; 2) ao nível da comunidade envolvente, foram

<sup>7</sup> Os nível de escolaridade indicado corresponde ao Sistema Educativo de Timor-Leste, que contempla: 6 anos de Ensino Primário, 3 anos de Ensino Pré-Secundário e 3 anos Ensino Secundário (pela ordem indicada)

entrevistados peritos da comunidade, 3) ao nível da comunidade Timorense expatriada, foram entrevistados estudantes Timorenses a residir em Portugal.

Figura 2. Representação da proximidade dos vários grupos de participantes face aos GAM em estudo.



O grupo de membros adultos (A) era constituído por sete elementos, todos eles pertencentes a um mesmo GAM, com idades compreendidas entre os 27 e os 45 anos ( $M = 33.85$ ,  $DP = 6.33$ ), sendo seis do sexo masculino e um do sexo feminino. Relativamente às habilitações literárias a maioria (71.4%) frequentou o ensino secundário e 28.6% o ensino superior. Todos os participantes eram funcionários públicos - ligados ao Ministério de Administração Estatal (85.7%) e ao Ministério da Educação (14.3%). Quanto ao tempo de pertença<sup>8</sup> aos GAM, verifica-se que este varia entre os dois e os 18 anos ( $M = 9.33$ ,  $DP = 6.56$ ).

O segundo grupo de participantes era constituído por cinco membros adolescentes (AD) pertencentes a um mesmo GAM, com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos ( $M = 19$ ,  $DP = 1.22$ ), sendo todos do sexo masculino e residentes no distrito de Covalima, em Timor-Leste. A totalidade dos participantes eram estudantes sendo que 60% frequentava o ensino

<sup>8</sup> O tempo de pertença ao grupo foi contabilizado a partir do momento em que os elementos participam na cerimónia ritual de entrada no grupo até à data de realização do grupo focal.

pré-secundário e 40% frequentava o ensino secundário. Relativamente aos anos de envolvimento nos treinos de artes marciais, estes variavam entre um e sete anos, sendo que três dos participantes encontram-se no grupo há dois anos, um elemento há sete anos e um elemento há um ano.

O grupo dos membros universitários (U) era constituído por três estudantes universitários Timorenses, que não pertenciam a qualquer grupo de artes marciais, com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos ( $M = 21.67$ ,  $DP = 2.08$ ), atualmente a residir em Portugal, com frequência no ensino superior, sendo um do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Um quarto grupo de participantes, foi constituído por cinco peritos (P) da comunidade, a exercerem funções no território Timorense, na sua totalidade do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 28 e os 52 anos ( $M = 39$ ,  $DP=9,38$ ). Relativamente à sua escolaridade, 30% dos participantes frequentou o ensino superior e 20% o ensino secundário. Optou-se por seleccionar participantes diferenciados profissionalmente e que detivessem um contacto privilegiado com a comunidade, mas sob diferentes perspetivas das suas áreas profissionais, podendo assim enriquecer o corpo de dados deste estudo. Daí que a amostra seja constituída por profissionais de sectores fundamentais da sociedade Timorense, concretamente, um profissional da educação (professor), um profissional da segurança pública (polícia), um profissional da justiça (juiz) e um profissional da administração local (departamento dos assuntos sociais). É de se referir que apesar da natureza laica do Estado Timorense<sup>9</sup>, foi tido em conta o facto de 96,9% da população professar a fé Católica<sup>10</sup>, sendo que os sacerdotes e religiosos mantêm um papel próximo das comunidades e conseqüentemente um forte conhecimento sobre as suas problemáticas. Por esse motivo, integrou também este grupo de participantes um sacerdote católico.

---

<sup>9</sup> Tal como expresso na Constituição da República Democrática de Timor-Leste, no artigo 45º "1. A toda a pessoa é assegurada a liberdade de consciência, de religião e de culto, encontrando-se as confissões religiosas separadas do Estado."

<sup>10</sup> Segundo os dados do último recenseamento realizado no ano de 2010 (National Statistics Directorate & United Nations Population Fund, 2011).

## **2.3. Instrumento**

### **2.3.1. Grupos focais.**

A escolha desta técnica foi determinada pelas suas três principais vantagens. Em primeiro lugar, os grupos focais permitem adquirir conhecimento sobre tópicos ou grupos humanos que habitualmente não são ouvidos ou aos quais habitualmente não é dado um papel mais ativo. Em segundo lugar, à medida que cada participante aprofunda a sua reflexão, gera-se um ambiente interativo no grupo que possibilitado um acesso a uma visão profunda da variedade de experiências e opiniões dos vários participantes (contexto e profundidade). Por último, as discussões entre os participantes vão permitir que cada um deles possa comparar a sua realidade pessoal com a dos outros e, por outro lado, fornece ao investigador valiosos insights interpretativos sobre o tema em estudo (interpretação) (Morgan, 1988; Willig, 2001; Krueger & Casey, 2000).

Os objetivos do presente trabalho e revisão de literatura realizada - exposta no enquadramento teórico do presente trabalho - levaram à elaboração um guião semiestruturado para os grupos focais englobando seis questões que se pretendiam claras, breves e compreensivas. As questões foram dispostas de forma sequencial, iniciando com uma questão de abertura para identificação dos participantes e seguidamente progredindo de aspetos mais gerais para os mais específicos, tendo em conta o tempo previsto disponível para a condução dos grupos focais (Anexo A e Anexo B). As mesmas pretendiam explorar os significados atribuídos à pertença aos GAM, as motivações dos novos membros, as funções desempenhadas pelos grupos e os elementos distintivos dos grupos.

Houve uma variação da segunda questão do guião de forma a adaptá-la aos participantes. Concretamente, para os grupos focais realizados com membros (adultos e adolescentes) dos GAM, a questão foi construída de forma a dirigir-se para as motivações pessoais de entrada nos grupos (*"Porque é que vocês quiseram entrar num grupo de artes marciais?"*). Esta questão, quando apresentada aos participantes universitários, foi estruturada de forma a explorar motivações percebidas nas crianças e adolescentes timorenses que integrarem esses grupos (*"Porque é que as crianças e os adolescentes querem entrar num grupo de artes marciais?"*).

De forma semelhante, a terceira questão apresentou uma variação ao nível da sua construção: para os membros focou-se nas funções que os GAM assumem na vida de cada uma dos participantes ("*Que função têm estes grupos na vida de cada um?*"); para os universitários esta questão foi orientada para as funções percebidas que os GAM assumem na vida dos seus membros ("*Qual a função do grupo na vida de cada membro?*").

Também a sexta questão sofreu variações: para os grupos de membros, foi orientada para as características específicas do seu grupo de pertença dos membros adultos ("*O que é que caracteriza o seu grupo?*"); no caso dos universitários esta questão dirigiu-se às características gerais dos grupos de artes marciais ("*O que é que caracteriza um grupo de artes marciais?*").

### **2.3.2. Entrevistas.**

Esta técnica foi considerada como a mais adequada para explorar as perceções do peritos. Pela especificidade do ramo profissional de cada um, justifica a utilização de uma técnica que possa ser realizada ao nível individual e que permita alcançar a profundidade pretendida para informação. Neste sentido, optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas, pois estas possibilitam aos participantes falar sobre um aspeto particular da sua experiência, utilizando questões que funcionam como estímulo para as subseqüentes verbalizações e desafia as preconcepções do investigador e permite uma compreensão contextual duma comunidade, cultura ou população (Willig, 2001; Dalton, et. al., 2007; Patton, 2002).

Para as entrevistas foi elaborado um guião, com uma estrutura semelhante à do guião utilizado para a realização dos grupos focais (Anexo C). As questões eram de resposta aberta e, mantendo os mesmos objetivos que os grupos focais, mantiveram igualmente a mesma estrutura e sensivelmente o mesmo conteúdo.

## **2.4. Procedimento**

### **2.4.1. Procedimento de recolha de dados.**

O procedimento de recolha de dados iniciou com um planeamento do estudo, nomeadamente com a definição da população-alvo e plano de recrutamento dos participantes, elaboração de um guião para as entrevistas e respetiva calendarização.

O recrutamento dos membros dos GAM foi pensado com base nos seguintes critérios: pertença ao mesmo GAM, nacionalidade e área de residência. Simultaneamente, a fim de poder obter opiniões divergentes (Krueger & Casey, 2000), foram recrutados participantes com idades diferentes e tempo de permanência no grupo também ela diversa. O recrutamento de participantes foi efetuado a partir de um contacto inicial com o líder de um dos grupos.

Os grupos focais de adultos e adolescentes foram realizados no distrito de Covalima (Timor-Leste) e tiveram uma duração aproximada de 1h30min e de 50min, respetivamente, tendo ambas sido conduzidas na língua Tétum. Para tal, as questões do guião, tendo sido redigidas na Língua Portugal, foram cuidadosamente traduzidas para Tétum, tradução esta que revista por tradutores experientes a fim de se garantir a compreensão do seu conteúdo.

Para o grupo focal de universitários, definiu-se como população-alvo estudantes universitários, de nacionalidade Timorense, a estudar em Portugal, não integrando, nem no presente nem no passado, qualquer grupo de artes marciais Timorense. A realização do grupo focal teve uma duração de, aproximadamente, uma hora e ocorreu na cidade de Aveiro (Portugal), tendo sido conduzida na língua Portuguesa, por decisão dos participantes.

Por último, no que diz respeito aos peritos da comunidade, os mesmos foram contactados individualmente, tendo-lhes sido apresentados os objetivos do estudo; após vários contactos, participaram apenas aqueles que se mostraram disponíveis. As entrevistas decorreram nos locais de trabalho dos profissionais, no distrito de Covalima e de Dili; tiveram uma duração média de 30 minutos, três delas foram conduzidas na Língua Portuguesa e duas delas foram conduzidas na Língua Tétum (sendo que esta opção foi tomada pelos participantes de acordo com a Língua na qual se sentissem mais confortáveis para falar).

Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio (após consentimento informado) e foram posteriormente transcritas e, quando necessário, traduzidas integralmente (i.e., nos casos em que as mesmas foram feitas em Tétum). Decorrente da garantia expressa de anonimato e confidencialidade dos dados, todos os elementos passíveis de identificar os participantes foram eliminados das transcrições e não serão referidas ao longo do presente trabalho.

É de ressaltar que todo o procedimento teve em atenção os aspetos éticos e deontológicos subjacentes à investigação. Em todos os contatos iniciais foram claramente expostos os

objetivos a que o presente trabalho se propõe e as características da metodologia a utilizar, sendo a participação voluntária e decorrente de um consentimento informado expresso verbalmente por todos os participantes.

#### **2.4.2. Procedimento de análise de dados.**

Os dados obtidos com os grupos focais e entrevistas individuais foram sujeitas a uma análise de conteúdo temática, sendo esta "uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de determinados dados, inferências reproduzíveis e válidas que possam ser aplicadas ao seu contexto" (Krippendorff, 1990, p. 28).

Seguindo a metodologia proposta por Bardin (2011), a análise de conteúdo decorreu em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamentos dos resultados, inferência e interpretação.

Na fase de pré-análise, foi realizado um primeiro contacto com os documentos a analisar (leitura flutuante), seguida da constituição de um corpus de oito entrevistas. Este corpus foi constituído considerando-se a totalidade das entrevistas realizadas (regra da exaustividade), garantido que os documentos a serem analisados eram adequados ao objetivo do estudo (regra da pertinência) e que apresentavam poucas singularidades, de forma a ser possível procede-se a uma adequada comparação entre eles (regra da homogeneidade). Ainda nesta fase, foi definido como índice a menção explícita de um tema no discurso dos participantes e como correspondente indicador a sua frequência absoluta.

A fase de exploração do material envolveu uma codificação dos dados, isto é, estes foram transformados por recorte (escolha de unidades), enumeração (escolha das regras de contagem) e por classificação e agregação (escolha das categorias).

Foi considerado como unidade de registo o tema, sendo este entendido como "unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia de leitura" (Bardin, 2009, p. 131; como regra de contagem foi utilizada a frequência de cada tema. Neste processo de recorte foi obtido um total de 285 unidade de registo, cuja distribuição pelos grupos focais e entrevistas individuais se encontra descrita no quadro

*Quadro 2.2.*

*Unidades de registo (UR) identificadas em cada uma das entrevistas de grupos focais e entrevistas individuais.*

Instrumento	UR	%
Grupos Focais		
Grupo focal adultos	86	30.18
Grupo focal adolescentes	33	11.58
Grupo focal universitários	42	14.74
Entrevistas Individuais		
Entrevista polícia	35	12.28
Entrevista assuntos sociais	9	3.16
Entrevista juiz	20	7.02
Entrevista professor	23	8.07
Entrevista padre	37	12.98
Total	285	100.00

As unidades de registo foram reagrupadas em categorias, tendo sido utilizado o critério semântico para esta categorização (i.e., categorias temáticas). As dimensões foram definidas a priori e correspondem aos tópicos chave já descritos anteriormente: significado da pertença aos GAM; motivações para a pertença; funções desempenhadas pelos GAM para os seus indivíduos; funções desempenhadas pelos GAM na comunidade alargada e aspetos distintivos dos GAM.

No que diz respeito às categorias e subcategorias as mesmas foram construídas a posteriori. Foram utilizadas simultaneamente categorias definidas com base na revisão de literatura previamente efetuada (i.e., categorias a priori) como categorias decorrentes da análise sistemática dos dados (categorias a posteriori), sendo por esta razão considerado um sistema misto.

Este processo de recorte foi realizado segundo uma metodologia de consenso, segundo a qual diferentes avaliadores, desenvolveram perspetivas múltiplas ao longo do processo de

análise de dados - concretamente na definição de categorias -, e por fim alcançam um consenso. A literatura revela que esta estratégia aumenta a qualidade das decisões tomadas, ajuda a lidar com a complexidade e ambiguidade dos dados (Hill, Knox, Thompson, Williams, Hess, 2005).

Deste processo resultou um conjunto de categorias, nas quais se encontram as qualidades de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade, consideradas por Bardin (2011) como essenciais à definição de categorias adequadas.

Resultou então, da análise conjunta dos grupos focais e das entrevistas individuais, um conjunto total de 28 categorias, distribuídas da seguinte forma pelas cinco dimensões de análise previamente definidas:

- significado atribuído à pertença aos GAM engloba cinco categorias relativas à perceção dos participantes sobre a pertença a grupos de artes marciais, nomeadamente: 1) "sentimento de comunidade" (que integra as subcategorias "estatuto de membro", "ligação emocional partilhada", "integração e satisfação de necessidades"); 2) "perspetiva socio-histórica" (que integra as subcategorias "defesa nacional", "aproveitamento partidário" e "representação nacional"); 3) "apoio" (que integra as subcategorias "ajuda mútua" e "assistência ao sistema alargado"); 4) atividade física (que integra as subcategorias "atividade desportiva" e "treino"; e 5) estrutura grupal;

- motivações para a pertença que engloba oito categorias associadas aos fatores motivadores para a afiliação aos grupos, nomeadamente: 1) "suporte social" (que integra as subcategorias "companheirismo", "material", "emocional", "estima" e "informativo"); 2) "desenvolvimento pessoal"; 3) "defesa"; 4) "atividade desportiva"; 5) "distintividade intergrupala"; 6) "estrutura grupal"; 7) "igualdade de género"; e 8) "tradição";

- funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros, referente aos papéis percebidos do grupo na vida de cada membro, que engloba sete categorias: 1) "apoio mútuo"; 2) "desenvolvimento pessoal"; 3) "estrutura grupal"; 4) "promoção nacional"; 5) "defesa pessoal"; 6) "conformismo" e 7) "participação social";

- funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado, referente às funções exercidas pelos grupos nas suas comunidades, que engloba quatro categorias: 1) "suporte ativo"; 2) "instabilidade social"; 3) "função identitária" e 4) "coesão social".

- distintividade intergrupar, englobando três categorias, referentes aos aspetos que permitem distinguir os diferentes grupos de artes marciais, e que integra três categorias: 1) "práticas identitárias"; 2) "interação"; 3) "estrutura grupal".

Por último, na fase de tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação, os dados foram manipulados de forma a traduzirem mensagens significativas e com validade (Bardin, 2011). Os resultados foram dispostos em tabelas, que evidenciam a informação obtida, e que serão apresentados e descritos no capítulo seguinte.

### Capítulo III. Resultados

Seguidamente serão apresentados os resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas individuais aos peritos (P) e dos grupos focais aos adultos (A), adolescentes (AD) e universitários (U). A sua apresentação está dividida em cinco partes - correspondentes a cada uma das dimensões definidas à priori - e inclui a identificação das correspondentes categorias e subcategorias, ilustradas com excertos das entrevistas.

#### 3.1. Dimensão Significado Atribuído à Pertença aos GAM

De acordo com os dados obtidos, o significado atribuído à pertença aos GAM pode ser descrito em torno de cinco categorias centrais: sentimento de comunidade (34.92%); perspectiva socio-histórica (22.22%); apoio (20.63%); atividade física (17.46%) e estrutura grupal (4.76%). No quadro 3.1 estão indicadas as unidades de registo correspondentes a cada uma destas categorias e às respetivas subcategorias e seguidamente será apresentada a sua descrição:

**Sentimento de comunidade.** Nos grupos focais de membros e nas entrevistas individuais com os peritos da comunidade foram encontrados indicadores que revelam que a pertença é percecionada enquanto interdependência e compromisso mútuo, contribuindo para a união dos membros numa unidade coletiva. Neste aspeto, os dados permitiram identificar três subcategorias:

- *Estatuto de membro.* Este conceito parece estar presente nas perceções de dois membros adultos e de um perito, que focam a pertença aos GAM enquanto integração dos seus membros numa unidade superior: "*Ela vai tornar-se um elemento para a sua própria organização*" (P, linha 13, p.39). Esta unidade parece ser definida por fronteiras que claramente indicam quem pode ser considerado como membro e não-membro: "*Nós também temos critérios... objetivos. Para tornar-se membro PSHT existem cinco critérios.*" (A, linha 26, p.2).
- *Ligação emocional partilhada.* Dois participantes de cada um dos grupos de membros associam a pertença aos GAM a pistas comportamentais e dinâmicas intragrupais, que assentam numa história partilhada e num conjunto de experiências e de rituais comuns aos vários elementos: "*Nós também temos um código, um código que alguém que não seja membro do PSHT não compreende. Não sabe. Só nós todos é que sabemos*" (A, linha 15, p.9).

- *Integração e satisfação de necessidades.* Apenas os peritos e os universitários assumiram que a pertença aos GAM estaria associada à partilha dos valores e princípios que apoiam a integração dos novos membros: "*se você quiser tornar-se membro, tornar-se uma pessoa que dança as artes marciais, significa que você tem que se educar, tem que conhecer os princípios*" (P, linha 18, p.48).

Por outro lado, o estatuto de membro parece fornecer um conjunto de competências e recursos que permitirão satisfazer a necessidade pessoal de segurança: "*Você participa para de alguma maneira... você prepara-se para quando tiver qualquer coisa, defender-se a si próprio*" (P, linha 20, p.24)

**Perspetiva socio-histórica.** Três dos peritos entrevistados consideraram o percurso histórico dos GAM e os diferentes significados que estes foram assumindo em distintos momentos da história de Timor-Leste. Nesta categoria foram distinguidas três subcategorias:

- **Defesa nacional.** Dois dos peritos, e mais concretamente o perito da área da justiça e o sacerdote, remetem a pertença aos GAM para o período histórico de 1975-1999, marcado pela ocupação pela Indonésia e dinamização do movimento de resistência Timorense, no qual colaboraram membros de grupos de artes marciais: "*era um grupo que existia na altura da resistência*" (P, linha 10, p.42); "*para, por exemplo, o seu trabalho, era contactar com os guerrilheiros*" (P, linha 24, p.53).

- **Promoção e representação nacionais.** A pertença aos GAM foi percecionada pelo perito da segurança pública como uma forma de promover e representar Timor-Leste ao nível externo: "*tem também uma parte para promover o desenvolvimento desta nação*" (P, linha 12, p.34); "*quando eles participam nalgum evento internacional, isto demonstra que eles promovem, promovem esta nação noutra país*" (P, linha 16, p.34).

- **Aproveitamento partidário.** No enquadramento do cenário político da atualidade, o perito da área da justiça, considera que à pertença aos GAM subjazem associações partidárias, sustentadas na troca de benefícios entre grupos e partidos: "*os políticos aproveitaram esta oportunidade para utilizá-los e criar situações desfavoráveis, por exemplo, intimidar pessoas, obrigar pessoas para, como se diz?, juntarem-se ao partido*" (P, linha 18, p.42).

**Apoio.** Para alguns dos membros e para um dos peritos (área do ensino), pertencer aos GAM parece estar associado a uma perceção de apoio obtido dentro do grupo e de apoio

fornecido a elementos da comunidade alargada. Nesta categoria distinguem-se duas subcategorias:

- **Assistência ao sistema alargado.** Quatro membros e um perito percebem os GAM enquanto fonte de apoio à comunidade alargada, sobretudo no que diz respeito à assistência na doença e assim dar uma contribuição para o interesse coletivo: "*Os membros do PSHT também têm uma força única. Nós podemos curar alguém que tenha uma doença*" (A, linha 8, p.5); "*Você pode fazer algo que seja do interesse de muitas pessoas*" (P, linha 20, p.48).

- **Ajuda mútua.** De acordo com dois dos participantes adolescentes, os GAM proporcionam o estabelecimento de relações de ajuda entre os seus vários membros: "*As pessoas morrem, temos que ajudar, porque somos muitos companheiros do PSHT, muitos companheiros, então às vezes ajudamo-nos*" (AD, linha 26, p.29), "*Quando os colegas dizem que os pais ou irmãos estão doentes, nós temos que ajudar*" (AD, linha 4, pg.30).

**Atividade física.** Nas entrevistas a membros, peritos e universitários foram encontrados indicadores que traduzem uma associação entre a pertença aos GAM e a prática duma atividade física, no entanto esta aparece associada a dois aspetos distintos: a uma atividade de lazer e a uma competência física que se assume como condição necessária para pertencer ao respetivo GAM. Nesse sentido, distinguem-se assim duas subcategorias:

- **Desporto.** A pertença aos GAM surge associada à participação em atividades desportivas "*o seu motivo é desportivo*" (A, linha 10, p.4); "*este grupo tem um objetivo mais desportivo*" (P, linha 1, p.54).

- **Competência física.** Dois dos membros e dois dos peritos (da segurança pública e da administração) associam a integração num GAM à realização de um percurso formativo, caracterizado por um treino intensivo, um teste às capacidades dos praticantes e um reconhecimento formal do percurso realizado pelo participante: "*temos treino todas as noites*" (AD, linha 18, p.29); "*para de alguma maneira você também mostrar até onde pode chegar*" (P, linha 12, p.34); "*significa que uma pessoa segue um treino e oficialmente ela recebe uma graduação*" (P, linha 12, p.39).

**Estrutura grupal.** Alguns participantes, e mais concretamente o sacerdote (grupo dos peritos) e um universitário, fazem referência a dois aspetos ligados à estrutura intragrupal dos GAM, nomeadamente à sua composição e às regras definidas para os seus membros:

*"consiste em muitos jovens"* (P, linha 18, p.53); *"é uma organização"* (U, linha 27, p.62), *"este grupo tem o seu regulamento"* (P, linha 19, p.53).

Em suma, os resultados parecem indicar que o significado atribuído aos GAM pelos participantes que são membros destes grupos (adultos e adolescentes) aparece associado ao sentimento de comunidade, que é construído entre os membros, e ao apoio que estes grupos parecem dar não só aos seus membros mas à comunidade onde estes se inserem. Por outro lado, os dados que emergem das entrevistas aos peritos entrevistados fornecem uma leitura socio-histórica, identificando significados diferentes em momentos diversos da história de Timor-Leste. Por último, os universitários concebem a pertença sobretudo enquanto sentimento de comunidade.

## Quadro 3.1.

*Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão significado atribuído à pertença os GAM*

Categorias	Subcategorias	Membros				Peritos					Universitários (N=3)	
		Adultos (N=7)		Adolesc. (N=5)		Polícia	Sociais	Juiz	Professor	Padre		
		UR	n	UR	n	UR	UR	UR	UR	UR	UR	n
Sentimento de comunidade												
	Estatuto de membro	5	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	Ligação emocional partilhada	2	2	2	2	0	0	0	0	0	3	2
	Integração e satisfação de necessidades	0	0	0	0	2	0	2	1	0	4	2
Perspetiva socio-histórica												
	Defesa nacional	0	0	0	0	0	0	3	0	4	0	0
	Representação nacional	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0
	Aproveitamento partidário	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0
Apoio												
	Assistência ao sistema alargado	4	2	4	2	0	0	0	2	0	0	0
	Ajuda mútua	0	0	3	2	0	0	0	0	0	0	0
Atividade física												
	Desporto	2	2	0	0	1	0	0	0	3	1	1
	Competência física	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0
Estrutura grupal												
		0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1

### 3.2. Dimensão motivações para a pertença aos GAM

A análise das entrevistas realizadas permitiu identificar oito categorias relativas às motivações para pertencerem aos GAM, sendo estas: suporte social (46.88%); desenvolvimento pessoal (17.19%); defesa (15.63%); atividade desportiva (6.25%); distintividade intergrupala (4.68%); estrutura grupala (4.68%); igualdade de género (3.13%) e tradição (1,56%) (ver quadro 3.2).

Uma leitura atenta do corpus das entrevistas permite salientar alguns aspetos nesta dimensão, seguidamente expostos pela descrição de cada uma das categorias e subcategorias:

**Suporte social.** O sistema de suporte e troca de recursos disponibilizado pelos GAM foi um dos elementos mais referido pelos participantes. Dentro desta categoria foi possível identificar cinco subcategorias:

- **Companheirismo.** A construção duma rede de relações de amizade, no seio das quais possam desenvolver-se interações positivas entre os seus elementos foi um dos aspetos referidos pela maioria dos membros e também por um universitário, como elemento motivador para a integração nos GAM: "*para terem amigos*" (U, linha 29, p.63); "*Porque eles ensinam isto: construir uma fraternidade uns com os outros. Nós todos encontramos muitos companheiros.*" (A, linha 15, p.11); "*nós queremos fazer amigos*"(AD, linha 5, p.32) .

- **Material.** Dois dos membros adultos e três peritos referem-se aos recursos fornecidos pelo grupos. Os membros fazem referência apoio recebido para a concretização de tarefas pessoais "*se fizer algum trabalho que precise, eu posso chamá-los a todos para trabalharmos em conjunto*" (A, linha 17, p.11); "*Se algum colega encontrar uma dificuldade, assim este encontrou uma dificuldade, nós ouvimos, nós temos que ir ajudar. Se ele precisar, pede ajuda. Como para construir uma casa: nós rezamos, apanhamos a madeira, as folhas. Então tem que se ajudar, o que é preciso fazer para a casa ficar pronta.*" (A, linha 8, p.14).

Os peritos enfatizam os ganhos materiais mais associados aos aspetos exteriores de identificação do grupo: "*alguns jovens que querem entrar nesse grupo é porque... porque... os que querem lá entrar naquele grupo eles recebem a, como se diz, a farda*" (P, linha 18, p.54); "*depois o chefe dá, oferece uma farda assim para significar que ele é um membro deste grupo assim*" (P, linha 21, p.54).

- **Emocional.** Apenas os membros referem que os GAM promovem a construção de relações de confiança e apresentam modelos que servem de guias comportamentais para o grupo: "*Nós confiamos uns nos outros, nós obedecemos uns aos outros*" (A, linha 12, p.13). Por outro lado, há uma percepção de bem-estar dos membros potenciado por regras e condutas orientadas para a regulação das emoções e das relações: "*Mas na nossa organização nós não podemos odiarmo-nos*" (A, linha 8, p.14); "*Eu como que puxei por mim para entrar ali, porque era um local onde eu me sentia bem, onde não havia problemas, não havia pessoas a fazerem mal umas às outras, as pessoas não se estragavam, só havia unidade.*" (A, linha 16, p.15); "*há respeito uns pelos outros*" (AD, linha 30, p.31).

- **Estima.** Somente nas entrevistas aos peritos foram encontrados indicadores para esta subcategoria que expressa a procura de valorização individual, proporcionada pela visibilidade das competências de cada membro: "*eles querem entrar porque eles também querem mostrar-se a si próprios. Para que outras pessoas possam conhecer e possam ver que eles também têm capacidades*" (P, linha 25, p.34); "*quando eles estão para... prontos para... exibirem-se a si próprios, para que as outras pessoas possam saber e possam ver que eles têm capacidade*" (P, linha 27, p.34); "*os jovens querem entrar nestes grupos, é primeiro, é para mostrar, expressar o seu talento*" (P, linha 9, p.54).

- **Informativo.** De acordo com dois membros e um perito pertencer aos GAM implica também aceder a um conjunto de informações e orientações, transmitidas pelos chefes dos grupos durante a formação dos membros: "*alguns só... só para... só para entrar, para receber a palavra... para só ouvir o que é que está o chefe, o que quem está a dirigir, o que é que o chefe está a falar, assim*" (P, linha 26, p.54); "*para conhecer a lei da organização*" (AD, linha 7, p.32). Um dos membros referiu-se, igualmente, à informação que é transmitida pelos membros mais experientes aos novos praticantes para a sua integração no grupo: "*nós antes de entrarmos nesta organização, nestas artes marciais, nós temos que ouvir a história das pessoas mais antigas. Que no passado treinaram nestas artes marciais. Então nós analisamos, fazemos uma análise da histórias que as pessoas nos dão. Às vezes precisamos, queremos saber mais, ((então)) vamos procurar este treino*" (A, linha 24, p.10)

**Desenvolvimento pessoal.** Com exceção do grupo de adolescentes, em todos os restantes grupos de participantes verificou-se a alusão a aspetos do desenvolvimento integral

do indivíduo como motivadores do envolvimento nos GAM, quer seja referências ao desejo de um fortalecimento físico : "*Para mim próprio. Para que o meu físico fosse bom.*" (A, linha 23, p.10); "*Consertar, consertar o meu corpo para poder ser uma pessoa de quem todos gostam.*" (A, linha 21, p.12). Por outro lado existem evidências para a procura pela aquisição de um conjunto de competências comportamentais e sociais: "*Para modificar os meus hábitos, os que são maus "queimá-los atrás"* (A, linha 21, p.12 ); "*Eu sinto que é mesmo bom, porque esta organização dá-me ideias sobre o meu corpo; dá ideias sobre como viver em silêncio, viver em paz, viver bem, para a minha família, para os filhos, mulher*" (A, linha 27, p.12); "*querem seguir o treino para se tornarem pessoas que são boas cidadãs, com um bom físico, boa mentalidade... para si próprias e também para as suas famílias e comunidade e também para a nação*" (P, linha 29, p.39).

**Defesa.** Em todos os grupos de participantes, embora com mais ênfase nos membros e nos universitários, foi referido que os novos elementos estão motivados pelo facto do grupo lhes proporcionar um treino que lhes permite desenvolver um conjunto de técnicas de autodefesa e defesa da sua família: "*Porque as crianças pequenas também querem porque elas (pensam) 'depois de eu ter realizado o treino, eu estou preparado para quando alguma coisa me acontecer e talvez eu me possa defende'*"; (P, linha 8, p.35); "*Eu pessoalmente, eu entrei no PSHT para salvar-me a mim próprio como também a minha família.*" (A, linha 15, p.14); "*para salvar a minha família, isto baseia-se em quê? Por exemplo, como que alguma coisa má - aqui uma coisa má inclui também a magia negra - quando vem para atrapalhar a nossa experiência, isto pode ser impedido pelo PSHT.*" ( A, linha 26, p.14); "*O meu objetivo é este: sobretudo para a minha vida. Este sítio que eu encontrei salva também a família*" (A, linha 24, p.15).

**Atividade desportiva.** O facto de proporcionar uma atividade desportiva é considerado por um dos adolescentes e dois dos peritos entrevistados, como uma motivação: "*é um desporto*" (AD, linha 12, p.34); "*agora este grupo tem um objetivo, que é, de acordo com o que observei, é para... tem um objetivo mais desportivo*" (P, linha 30, p.53); "*porque lá tem algum... algum sentido desportivo, então eles querem entrar lá para fazer... alguns talvez participem numa competição, então eles entram lá naquele grupo*" (P, linha 16, p.54).

**Distintividade intergrupala.** Três membros adultos referem que a seleção pelo seu grupo passou por um comparação entre as diferentes "escolas" de artes marciais acessíveis: "*Esta é*

*a minha vontade para me tornar membro PSHT porque antes de eu iniciar o treino eu só... Havia muitos locais com artes marciais tais como PD, garuda sakti, karate, do Japão. Estes... Mas eu fiz ... fiz esta comparação ... eu senti que era melhor o treino do treinador de Shterate"* (A, linha 29, p.10).

**Estrutura grupal.** O programa e o conjunto de princípios e regras dos GAM são elementos considerados como motivadores de novos elementos, de acordo com um dos membros e um dos peritos: "*porque ali recebíamos muito. A sua doutrina que nos ensinavam, também através da religião, englobava muito*" (A, linha 4, p.11); "*nós entramos no PSHT pelas suas... regras*" (AD, linha 29, p.31); "*então eles quando entram lá seguem aquilo que está programado no seu grupo*" (P, linha 25, p.54).

**Igualdade de género.** O facto do grupo apresentar um tratamento igualitário entre membros do sexo masculino e membros do sexo feminino é indicado por um dos membros que participou no grupo focal: "*Porque no Suai não existem muitas mulheres ((nos grupos de artes marciais)), mas ele dá o treino e não faz diferença entre mulher e homem.*" (A, linha 19, p.11); "*Ele não pode fazer diferença entre mulher e homem*" (A, linha 23, p.11).

**Tradição.** Um dos membros entrevistados referiu que o facto da pertença ao grupo poder constituir mecanismo de transmissão de práticas de geração em geração no seio familiar: "*Eu gosto da organização do PSHT porque quando me tornar um membro do Shterate, e vou continuar e os meus irmãos mais novos, eles também podem seguir-me*" (AD, linha 8, p.32).

Em suma, os dados revelam uma diversidade grande de respostas relativas às motivações percebidas. Porém é possível notar que os membros enfatizam o companheirismo, o suporte emocional e informativo. Já os peritos enfatizam o suporte material, a estima e a atividade desportiva. O desenvolvimento pessoal e a defesa são aspetos motivacionais, comuns ao grupos de membros, peritos e universitários.

Quadro 3.2.

*Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão motivações para a pertença aos GAM.*

Categorias	Subcategorias	Membros				Peritos					Universitários	
		Adultos (N=7)		Adolesc. (N=5)		Polícia	Sociais	Juiz	Prof	Padre	(N=3)	
		UR	n	UR	n	UR	UR	UR	UR	UR	UR	n
Suporte Social												
	Companheirismo	7	4	3	3	0	0	0	0	0	2	1
	Material	2	2	0	0	0	0	1	0	2	0	0
	Emocional	4	3	1	1	0	0	0	0	0	0	0
	Estima	0	0	0	0	3	0	0	0	2	0	0
	Informativo	1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0
Desenvolvimento pessoal												
		5	2	0	0	0	1	0	3	0	2	2
Defesa												
		5	2	1	1	2	0	0	0	0	2	2
Atividade desportiva												
		0	0	1	1	0	0	0	1	2	0	0
Distintividade intergrupar												
		3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Estrutura grupal												
		1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0
Igualdade de género												
		2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tradição												
		0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0

### 3.3. Dimensão funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros

As funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros, resultantes da análise do material das entrevistas, podem ser inseridas em sete categorias principais: (1) apoio mútuo (29.62%); (2) desenvolvimento pessoal (29.62%); (3) estrutura grupal (15.38%); (4) promoção nacional (11.54%); (5) defesa pessoal (11.54%); (6) conformismo (3.85%) e (7) participação social (3.85%). No quadro 3.3. estão indicadas as unidades de registo correspondentes a cada uma destas categorias, que serão seguidamente apresentadas com maior profundidade.

**Apoio mútuo.** A maioria dos peritos e a totalidade dos universitários considera que os GAM têm uma função importante em termos de solidariedade, cooperação e proteção entre os membros: "*Ajudam uns aos outros.*" (U, linha 5, p.64); "*ele pode também demonstrar sentimentos de solidariedade para com todos os colegas*" (P, linha 19, p.39); "*dar apoio a quem necessita*" (P, linha 25, p.43). Segundo um dos participantes universitários, esta relação ao apoio justifica-se por uma forte identificação com o endogrupo: "*Para além disso eles defendem porque eles acham que esta organização faz parte da sua vida.*" (U, linha 12, p.64). Esta função de apoio torna-se mais saliente em situações de ameaça ou conflito: "*Eles ajudam uns aos outros. E vão defender também esse grupo com o qual vão fazer amizade*" (U, linha 5, p.64); "*De acordo com o que eu vejo, de característico em Timor, maioritariamente as pessoas quando seguem algum grupo, isto é para se defenderem. Isto é, talvez se alguma coisa surgir, ela tem força para se defender.*" (P, linha 22, p.49); "*Ele apenas vê que quando tem alguma coisa, ele diz "eu tenho muitas pessoas". Se a Senhora me bater, os meus companheiros podem ajudar-me.*" (P, linha 26, p.49).

**Desenvolvimento pessoal.** Um terço dos participantes considerou que os GAM potenciam o desenvolvimento integral dos seus membros, que se traduz: na aquisição de um conjunto de conhecimentos: "*A importância é esta: antes eu era pequeno e seguia o treino mas não sabia quase nada. Até agora (continuo) e muita coisa eu já sei.*" (A, linha 28, p.30); "*Eu treino... antes eu era pequeno eu sentia às vezes que eu não sabia o que era o treino. Até grande, agora, eu sigo o treino, e eu já sei um pouco. Eu guardei tudo, eu sei imenso. Aquilo que eu não sei, isto tenho ao que aprender.*" (A, linha 1, p.31).

Os mesmos referem que estes grupos atuam ao nível da promoção de um desenvolvimento físico e comportamental mais positivo, associado a um conjunto de valores próprios, uma

ideologia, com implicação para o indivíduo e para a comunidade: "*Primeiro para assegurar que o seu físico é bom, o seu mental é bom, na sua vida com toda a comunidade.*" (P, linha 17, p.39); "*para ser mais saudável!*" (P, linha 24, p.43); "*podem refletir sobre melhorar a sua mentalidade. Para eles serem pessoas boas, transformar-se em pessoas com qualidades*" (P, linha 28, p.49). "*Alguns tem mentalidade fraca, por isso vai dar informação sobre a mentalidade para serem mais fortes*" (U, linha 7, p.64).

**Estrutura grupal.** Em todos os grupos houve referência à função dos GAM enquanto disseminadores de um conjunto de regras, normas e orientações entre os seus elementos: "*Cada grupo que existe, cada grupo tem o seu trabalho, tem a sua norma e regulamento. Agora a importância depende da sua, do seu regulamento, da sua doutrina.*" (P, linha 4, p.55); "*Também quando eu sigo o treino tenho que seguir a sua regra, a disciplina e também todas as outras coisas.*" (AD, linha 30, p.30).

**Promoção nacional.** Da entrevista com o polícia e com o responsável pelos assuntos sociais da administração local, emergem aspetos que indicam que os GAM permitem aos seus membros participar na promoção do seu país, através da demonstração das suas competências em eventos desportivos internacionais: "*Mas... a sua função é... para... ela fazer promoção. Se ela seguir um grupo desta nação, ela também faz promoção*" (P, linha 22, p.35); "*tem a função de perfumar o nome de Timor-Leste nos eventos desportivos no exterior*" (P, linha 18, p.39).

**Defesa pessoal.** Um dos membros e dois dos peritos referem que o grupo assume a função de capacitar os seus elementos com um conjunto de técnicas que lhes permitem assegurar a sua proteção, defendendo-se de qualquer situação com que se deparem: "*quando tem alguma coisa, na sua vida, no seu local, na sua residência, se alguma coisa lhe acontecer, ela pode defender-se a si própria. Pode salvar-se a si próprio de aquilo que lhe acontece.*" (P, linha 20, p.35); "*para defender, para me defender em qualquer situação*" (P, linha 25, p.43); "*Quando nós formos para um outro país, talvez, nós temos... com isto é que nós podemos defendermos a nós próprios...*" (AD, linha 7, p.31).

**Conformismo.** Apenas o padre refere que no seio do grupo existe uma estrutura hierárquica que conduz os membros ao conformismo relativamente às decisões tomadas ao nível das chefias: "*o chefe, o vice, o secretário eles têm o seu pensamento, que é diferente*"

*com os dos outros grupo. Então, como o provérbio diz "cada cabeça, é cada sentença". Então eles (os membros) fazem aquilo que estes (chefes) sentem que é mais importante, o que for mais importante então eles fazem."* (P, linha 21, p.55)

**Participação social.** De acordo o padre, os GAM fomentam e possibilitam a participação dos seus membros em eventos organizados a nível governamental, de cariz desportivo: *"depois praticam também algum desporto, participam também na competição, desporto que vai... que às vezes é organizado pelo governo então eles participam também."* (P, linha 24, p.55).

Em suma, quando questionados sobre a função dos GAM na sua vida, os membros referem sobretudo aspetos relacionados com o empowerment psicológico dado que....; por outro lado, quando os não membros são questionados sobre as funções que os GAM têm para os membros, os universitários enfatizam, sobretudo, o apoio mútuo que os membros encontram dentro do grupo, e os peritos apresentam uma perspetiva mais diversificada, na qual se destaca a referência ao papel que os membros têm enquanto promotores da nação no exterior. Por outras palavras, os membros enfatizam aspectos de um nível intraindividual, os universitários elementos de um nível interpessoal ou situacional, e os peritos, por sua vez, aspectos associados a um nível intergrupar (Timor vs. outros países).

Quadro 3.3.

*Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão funções desempenhadas pelos GAM para os seus membros*

Categorias	Membros				Peritos					Universitários	
	Adultos		Adolescentes		Polícia	Sociais	Juiz	Professor	Padre	(N=3)	
	(N=7)		(N=5)								
	UR	n	UR	N	UR	UR	UR	UR	UR	UR	n
Apoio Mútuo	0	0	0	0	0	1	1	2	0	3	3
Desenvolvimento pessoal	0	0	3	2	0	2	0	1	0	2	1
Estrutura grupal	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1
Promoção nacional	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0
Defesa pessoal	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0
Conformismo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Participação social	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

### 3.4. Dimensão *funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado*

As funções dos GAM para o sistema alargado, resultantes da análise das entrevistas dos grupos focais e das entrevistas individuais, pode ser descrito em torno de quatro categorias centrais: (1) suporte ativo (34.15%); (2) instabilidade social (24.39%); (3) função identitária (21.95%) e (4) coesão social (19.51%). No quadro 3.4 estão indicadas as unidades de registo correspondentes a cada um destas categorias e correspondentes subcategorias, sobre as quais se apresenta a seguinte descrição:

**Suporte ativo.** Os GAM assumirem como principal função o desenvolvimento de um conjunto de ações vocacionadas para a prestação de apoio ao sistema alargado., o auxílio na resolução de problemas comunitários e a provisão de segurança. Esta perceção encontra-se presente em vários dos entrevistados e mais particularmente nas respostas de cinco membros, dois peritos e um universitário: *"Depois eles também devem cuidar de todas as pessoas. Não significa que é para o seu grupo apenas. Eles têm que cuidar de todas as pessoas. Quando alguma pessoa encontra qualquer dificuldade ali, eles têm que ajudar, a fim de apoiar, apoiar..."* (P, linha 9, p.36); *"Eu penso a função deste grupo, a sua importância é quando na comunidade existe num lugar, num suco ou numa aldeia, quando há barulho, quando há algum problema, eles podem reduzir a situação. Não podemos, quando há um problema, aumentar ao problema. Nós temos que reduzir o problema"* (P, linha 6, p.50); *"dar segurança"* (U, linha 22, p.65).

**Instabilidade Social.** Para três dos peritos (o polícia, o juiz e o padre), os GAM assumirem uma função de criação de conflitos e de agitação social. Das entrevistas a estes participantes, emerge a ideia de que as decisões dos grupos estarão orientadas, por vezes, para a criminalidade, para a coação de indivíduos da comunidade no sentido de integrarem o seu grupo (GAM) e para a promoção de conflitos intergrupais (com elementos de grupos rivais de artes marciais): *"Às vezes a sua mente é algo que foge para o crime, para obrigar as pessoas a irem para lá."* (P, linha 6, p.36); *"Alguns... no ano passado, os últimos meses atrás, o grupo, vários grupos entraram em conflito. Por exemplo, o grupo X: o grupo X ataca o Y, o Y ataca ou atacou o Z."*<sup>11</sup> (P, linha 8, p.57); *"Porque durante estes anos a sociedade de Timor entra no conflito é por causa estes grupos."* (P, linha 17, p.57). Um dos participantes refere que estes

---

<sup>11</sup> Por questões deontológicas foram omitidas deste excerto todas as referências aos nomes de grupos de artes marciais.

conflitos intergrupais têm na sua gênese a necessidade dos grupos se mostrarem superiores relativamente aos restantes: *"Agora a primeira coisa que eles têm na ideia é «nós formamos este grupo é para atacar um dos outros». Quer dizer... tem na sua ideia, que o grupo é para expressar a nossa força, força relativamente aos outros."* (P, linha 10, p.57).

Aproveitamento partidário. Ainda, de acordo com um dos peritos, o envolvimento dos GAM em ações geradoras de instabilidade social pode igualmente sustentar-se numa ligação partidária, sendo que os grupos vão ser instrumentos dos partidos para provocar conflitos nas áreas nacionais onde se têm um maior número de apoiantes: *"Por exemplo um dos partidos, e eu falo em partidos, quer criar, como se diz?... distúrbios cá no Suai, porque ele sabe que... qual organização que está a dominar o Suai. Bom, por exemplo o PSHT, o PSHT está a dominar, então... convidamos alguém: «esta noite você cria situações», e criam mesmo porque eles, como se diz, ah... dão... porque se apoiam..."* (P, linha 4, p.44)

**Função identitária.** De acordo com três dos membros adultos, um perito e dois universitários entrevistados, os GAM têm a função de divulgar as suas próprias atividades junto do meio social envolvente, através de exposições e apresentações públicas, sobretudo em dias comemorativos para as comunidades locais: *"Esta é a função de cada arte marcial aqui, de acordo com o meu desejo, eles têm que mostrar-se a si próprios, apresentar-se a si próprios com qualidade."* (P, linha 13, p.50); *"Nesses feriados, eles vão todos participar, vão participar para... apresentar... apresentam.... cada um dos (grupos) faz uma apresentação"* (U, linha 21, p.65); *"fazem uma exposição"* (U, linha 28, p.65). Desta forma, possibilitam o aumento do conhecimento que a sociedade Timorense tem sobre as práticas e características dos grupos: *"Aumentam o conhecimento da comunidade, como é que se faz isto (as práticas dos grupos), para quê"* (U, linha 12, p.65).

**Coesão Social.** De acordo com três dos participantes (um membro e dois peritos), os GAM contribuem para a constituição da coesão social nas suas comunidades alargadas, através de um esforço por construir a unidade: *"A sua função na comunidade é ((mostrar)) como ele... primeiro, como é que ele irá criar, irá sedimentar, irá sedimentar a unidade."* (P, linha 1, p.36); *"Esta função das artes marciais é para de alguma maneira criar a unidade e depois sedimentar a unidade... até a sua base. Esta é a sua função."* (P, linha 4, p.36).

Esta função de pôr as pessoas em contacto entre si e de aproximá-las, prende-se também com a transmissão de informações relevantes para a sociedade civil ou por estratégias de resolução de conflito que se mostrem mais eficazes: "*Ter unidade. Depois também para sedimentar a informação sobretudo sobre o pacto de desenvolvimento na comunidade civil.*" (P, linha 2, p.36); "*Esta função deles tem que ser de como ... aproximar todas as pessoas.*" (P, linha 9, p.36); "*Nós temos que procurar um mecanismo, procurar um meio para sentar e resolver os nossos problemas*" (P, linha 9, p.50),

Duma forma geral, os dados revelam que é nesta dimensão, em que se explora papel desempenhado pelos GAM no sistema alargado, que se verifica uma forte dualidade de opiniões. Por um lado os membros e os universitários enfatizam o facto dos GAM estarem comprometidos com a provisão de apoio à comunidade. Por outro lado, está presente nas verbalizações dos peritos, que a relação dos GAM com a comunidade alargada é marcada pelo conflito.

Quadro 3.4

*Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado*

Categorias	Membros				Peritos					Universitários (N=3)	
	Adultos (N=7)		Adolescentes (N=5)		Polícia UR	Sociais UR	Juiz UR	Professor UR	Padre UR	UR	n
	UR	n	UR	n							
	UR	n	UR	n	UR	UR	UR	UR	UR	UR	n
Suporte ativo	7	3	3	2	2	0	0	1	0	1	1
Instabilidade Social	0	0	0	0	1	0	1	0	8	0	0
Função identitária	5	3	0	0	0	0	0	1	0	3	2
Coesão Social	3	1	0	0	4	0	0	1	0	0	0

### 3.5. Dimensão distintividade Intergrupar

A distintividade intergrupar surge associada a três aspetos principais: (1) identificação e práticas identitárias (43.96 %); (2) condutas interação intra e intergrupais (29.67%); e (3) estrutura grupar (26.37%). No quadro 3.5 estão indicadas as unidades de registo correspondentes a cada uma das categorias e subcategorias.

**Identificação e práticas identitárias.** De acordo com a maioria dos participantes, os GAM podem ser diferenciados entre si através de uma variedade de símbolos específicos para o seu grupo: "*E também a farda deles não é igual*" (AD, linha 22, p.32.); "*Para nos identificarmos, como a mana pergunta, é ... através do emblema...*" (A, linha 13, p.26); "*porque eles ((usam)) a camisola e as calças do grupo*" (AD, linha 5, p.33); "*através da farda*" (U, linha 11, p.67); "*cada qual tem o seu símbolo*" (P, linha 14, p.45); "*pelo vestuário tem... que cada qual tem*" (J, linha 24, p.45); "*a cor... as cores. Do X é verde*" (P, linha 12, p.59); "*alguns têm...o quê?... tatuagens*" (U, linha 15, p.67).

A par destes símbolos, a identificação entre membros é feita através de códigos, revelados apenas aos membros oficiais dos grupos e que permitem validar quem pertence ou não ao grupo: "*Porque nós temos um código. Mas esse código é válido para os membros que são permanentes. Não são válidos para os alunos.*" (A, linha 6, p.24); "*Às vezes eles dão o código, o código de dar as mãos, deu um código qualquer para saberem que isso pertence a esse grupo.*" (U, linha 12, p.67); "*Esta é a função deste código do PSHT: para identificar os companheiros que geralmente usam o emblema das artes marciais.*" (A, linha 14, 25).

O nome do grupo, a sua origem e a história são elementos igualmente referidos pelos participantes como elementos para distinguir os diferentes tipos de grupo: "*o nome é que é diferente*" (U, linha 1, p.66); "*nós podemos dizer que quando um grupo nasceu... tem a sua própria história, tem a sua cultura*" (P, linha 1, p.51); "*vêm de países diferentes*" (U, linha 18, p.66); "*Por exemplo, Taekwondo - Coreia; Kempo - as pessoas não sabem de onde vem; KKI - Japão; INKAE - Japão*" (P, linha 8, p.37).

**Condutas de interação intra e intergrupais.** A forma como os membros dos vários grupos interagem entre si e com a comunidade, foi um dos aspetos referidos por metade dos participantes deste estudo, incluindo tanto os membros como os não-membros. Os membros entrevistados enfatizam os aspetos da interação intragrupal: "*Eles também podem agredir-se*

*uns aos outros mas nós nunca nos agredimos.*" (A, linha 7, p.21); *"A diferença é que nós respeitamos uns aos outros e abraçamos-nos. Não nos dividimos, Mas eles nas outras artes marciais podem estragar-se uns aos outros, e podem fazer mal uns aos outros, entre eles."* (A, linha 8, p.21); *"eles não confiam uns nos outros"* (AD, linha 17, p.32); *"não se respeitam"* (AD, linha 18, p.32).

Por outro lado, nesta categoria foram também incluídas as referências a diferenças relativas ao comportamento manifesto dos membros: *"O comportamento, o comportamento é que realmente não igual é... as outras organizações mostram a sua força em frente da comunidade, como que em espaços públicos, como o mercado."* (A, linha 14, p.22); *"Às vezes no mercado estão muitas pessoas, nós andamos e esfregamos-nos uns nos outros, porque somos muitos. Com isto, ele fica nervoso, ele mostra a sua força e o treino que recebeu e ele mostra em frente de muitas pessoas. Ou seja, ele em frente da comunidade ele pode mostrar a sua força. Mas nós, da organização PSHT é que não mostramos. Isto sobre o comportamento."* (A68, linha 16, p.22); *"Então o seu comportamento nós vemos que pode não ser igual"* (PR20, linha 2, p.51).

Considerando que a prática das artes marciais é sobretudo interativa, foram também integradas nesta categoria as alusões aos treinos e às atividades realizadas em grupo: *"O treino não é igual"* (A, linha 7, p.23); *"No treino do KORKA eles também podem agredir-se"* (AD, linha 17, p.32); *"a prática, prática mesmo de exercício também é diferente"* (U, linha 2, p.66); *"a maneira do jogo é diferente"* (P, linha 29, p.44); *"através da caracterização dos exercícios"* (U, linha 12, p.67); *"Depois, o seu modelo de atividade também não é igual."* (P, linha 2, p.37).

**Estrutura.** Aspectos da estrutura grupal - i.e., as regras, papéis e a hierarquia de estatutos do grupo -, foram indicados por três membros adultos, quatro peritos e um universitário, como elementos caracterizadores de cada um dos grupos e que permitem diferenciá-los.

Cada grupo terá um conjunto de normas que regulamentam a pertença e que estruturam o tipo de compromisso que o membro assume com o grupo, nas diversas etapas do seu percurso formativo *"Para membros e acho que alguém que quiser entrar no PSHT... qualquer, qualquer homem, qualquer pessoa pode vir. Se quiser treinar, todas as pessoas podem vir treinar. Mas se você vier treinar, não tem qualquer obrigação. Nós não temos obrigação «Oh! Você tem que*

*vir», Não! Se quiser vir, venha. Se quer sair também, por favor, pode sair. Quando já tiver saído, torna-se no nosso inimigo? Pode ser. Mas quando já se tornou membro efetivo como nós, aí não pode sair. E também não pode tornar-se nosso inimigo. Só amigo, até morrer. Até morrer." (A, linha 15, p.21).*

Por outro lado, cada grupo apresenta uma estrutura hierárquica específica, que define os estatutos e papéis de cada um dos seus membros: "*Porque alunos passam por quatro etapas. Preto, , cor-de-rosa... e verde, branco... branco pequeno. Porque branco pequeno é para o alunos, branco grande é para nós, o membros permanentes.*" (A, linha 7, p.24); "*A diferença é por exemplo o SKS, tem o seu estatuto, organização*" (P, linha 24, p.44); "*cada um quando avança, desenvolve o seu programa tem que ((concordar)) com o seu estatuto, tem que ((concordar)) com as suas regras.*" (P, linha 14, p.51).

O grupo parece ser igualmente caracterizado por um sistema de valores que será distinto dos restantes grupos: "*As regras não são iguais.*" (A, linha 15, p.21); "*Eles fazem, a doutrina deles, seguindo a doutrina eles podem estar contra ((uns com os outros)). Mas na nossa doutrina, nós não estamos contra. Nós sempre nos abraçamos, nós sempre temos unidade.*"(A, linha 23, p.21); "*A doutrina não é igual*" (A, linha 9, p.23); "*acho que a diferença é a mentalidade*" (U, linha 5, p.66); "*A primeira diferença está na ideologia, na doutrina*" (P, linha 27, p.57); "*Eu penso que as suas diferenças são os seus... os seus lemas. Os seus lemas não são iguais. O lema que alguns têm... tem um sentimento forte de solidariedade uns com os outros. Outros não têm.*" (P, linha 4, p.40).

Em síntese, os dados indicam que os diferentes participantes enfatizam aspetos diferentes quando questionados sobre aspetos que tornam distintivos cada um dos GAM; as práticas identitárias, nos seus aspetos mais visíveis (ex., símbolos), são enfatizados pelos peritos e universitários, enquanto que os adolescente acentuam sobretudo as condutas de interação entre membros e não membros. Os adultos, por seu lado, fazem referência a aspetos distintivos que se inserem nas três categorias, mas face aos quais o seu grupo de pertença é apresentado numa forma tendencialmente mais positiva, em detrimento dos grupos rivais.

Quadro 3.5

*Número de unidades de registo (UR) e número de participantes (n) para cada uma das categorias e subcategorias correspondentes à dimensão distintividade intergrupai*

Categorias	Membros				Peritos						
	Adultos (N=7)		Adolescentes (N=5)		Polícia UR	Sociais UR	Juiz UR	Professor UR	Padre UR	Universitários (N=3)	
	UR	n	UR	n						UR	n
<b>Identificação e Práticas</b>											
identitárias	10	4	2	2	7	0	3	1	5	12	2
<b>Conduitas de Interação intra e</b>											
intergrupai	9	4	4	2	5	0	2	4	0	3	1
Estrutura grupai	8	3	0	0	0	2	3	5	4	2	1

## Capítulo IV - Discussão

O presente trabalho apresentou como principal objetivo explorar: os significados associados à pertença aos GAM, as motivações dos seus membros para a pertença, as funções desempenhadas por estes grupos para os seus membros e meio envolvente e os elementos da distintividade intergrupar. Estes objetivos refletiram-se na condução de um estudo de natureza qualitativa, recorrendo-se, para tal, à realização de entrevistas, quer não só a membros destes grupos mas também a peritos da comunidade por forma a termos uma visão mais global e holística sobre os mesmos. Os dados obtidos - anteriormente apresentados e analisados - revelaram-se como um conjunto rico de informação, que possibilitou delinear um retrato dos GAM, refletindo a multidimensionalidade da perceção dos participantes no presente estudo e focando as cinco dimensões de análise.

### **Dimensão significado da pertença.**

Na perspetiva da maior parte dos participantes - quer membros, quer não-membros -, os GAM parecem constituir-se como comunidades relacionais (ex., Amaro, 2007), uma vez que os membros estão unidos por um interesse fundado na prática de determinada arte marcial. O elo de ligação entre membros não se restringe a determinada área geográfica - como seria o caso das comunidades relacionais - e apresenta extensões por todo o território Timorense e até, nalguns casos, a outros países (Ostergaard, 2005).

Para os vários grupos de participantes, ser membro de um GAM implica integrar uma comunidade no seio da qual são fomentadas relações voluntárias de interdependência, de identificação, a par da partilha duma história, de um conjunto de práticas e rituais e de um conjunto de recursos que respondem às necessidades de cada membro. Este forte sentimento de comunidade facilita a participação ativa no grupo e pode fornecer os elementos essenciais para aumentar o bem-estar, a satisfação e a qualidade de vida dos membros, promover o sentimento de segurança e felicidade, bem como combater sentimentos de isolamento (Elvas e Moniz, 2010; Amaro, 2007), o que ganha uma particular relevância tendo em conta a realidade Timorense e o isolamento de muitas das suas localidades,

Há, porém, alguns estudos que revelam que esta forte ligação à comunidade pode ter também uma conotação negativa, dependendo das características da comunidade a que se pertence e do conjunto de valores e comportamentos que promovem entre os seus membros. Como revela o estudo de Brodsky (1996), em comunidades em que valores "negativos" são veiculados aos seus membros, e que eventualmente possam comprometer a segurança de um indivíduo, ter um fraco sentimento de comunidade pode ser adaptativo para os membros (uma vez que assim se protegem de potenciais situações de risco). Este fenómeno em que um membro modifica o seu comportamento de forma a ir ao encontro das normas do grupo, remete-nos para os processos de influência social, concretamente do conformismo largamente citados na literatura da Psicologia Social (ex., Vala & Monteiro, 2013)

Ainda sobre o significado atribuído à pertença, os peritos da comunidade enfatizam um lado mais dinâmico da história de cada GAM que vai acompanhando os vários períodos críticos de Timor-Leste, o que entra em consonância alguns estudos anteriores (Siapno, 2012; Scambary, 2009a; Ostergaard, 2005). Neste percurso, os GAM, que terão sido fortes apoiantes do movimento de resistência nacionais, continuam a estar fortemente associados à luta por uma identidade Timorese, mas que atualmente se traduz sobretudo na participação em eventos desportivos. Ou seja, acompanhando a contexto socio-histórico do país, os GAM parecem estar a fazer um esforço para encontrar um novo papel e uma nova identidade no seio da comunidade Timorese (Scambary, 2009a). O que de certa forma parece estar também aqui presente, é um compromisso que estes grupos têm assumido com a pertença a uma categoria supraordenada, (i.e., a nacionalidade Timorese) e com um conjunto de objetivos que lhe correspondem (p.ex., defender ou representar o seu país).

### ***Motivações para a pertença***

Um elemento que é realçado pelos membros, ao a nível das motivações para a pertença (como também ao nível das funções para a comunidade), prende-se com o facto dos grupos serem fontes de suporte social, a dois níveis:

- ao nível do sistema social alargado, os GAM parecem complementar (e em certas situações, substituir) os serviços de outros organismos locais, ao apoiarem as comunidades na assistência na doença, na realização de tarefas quotidianas indispensáveis (p.ex., apoio na

construção de residências) ou em serviços públicos (p.ex., apoiar a limpeza das áreas públicas). Num ambiente social instável, e com uma estrutura de segurança ainda em desenvolvimento, é de ressaltar igualmente o papel que os GAM parecem assumir na manutenção da segurança pública, na defesa e proteção da comunidade;

- ao nível do funcionamento intragrupal, as relações próximas entre membros, conduzirão a uma troca de recursos de várias naturezas, o que é um dos elementos mais atrativos para os novos membros. É natural que esta troca de recursos sustente também a longevidade da permanência no grupo, pois contribui para desenvolvimento e bem-estar de cada membro, que encontra no grupo os recursos que lhe permitem fazer face às dificuldades e, conseqüentemente, fortalecer a autoestima (Ornelas, 2008). As redes de relações dentro das quais este suporte é oferecido, poderão ser caracterizadas como multidimensionais (i.e., os indivíduos estão ligados entre si por múltiplos papéis que assumem em diferentes contextos - "praticantes", "colegas de escola/trabalho", "vizinhos"), de elevada densidade (i.e., cada membro estabelece múltiplos vínculos dentro do grupo) e com uma forte reciprocidade (i.e., os membros entrem ajudam-se) (Dalton, et. al., 2007). O que não é de estranhar tendo em conta que as comunidades onde estes se inserem têm uma dimensão relativamente pequena, o que ajuda à construção de relações próximas.

Parece ser relativamente consensual que os jovens são atraídos para os grupos porque estes promovem quer o desenvolvimento pessoal integral, quer a defesa. Estas são, aliás, as motivações comuns à prática da generalidade das artes marciais (ex, Svinth, 2001). Ainda assim importa evidenciar que está aqui subjacente o empoderamento de cada um dos membros e que engloba o sentido de "ser capaz", de promoção do autocontrolo e da participação (ex., Rappaport, 1987). Ainda na sequência deste empoderamento, é de salientar o envolvimento das mulheres nestes grupos. Num contexto cultural marcado por uma forte assimetria de poder entre género, que coloca a mulher muitas vezes em situação de exclusão, é interessante que os GAM favoreçam a sua integração. Os dados parecem ir também ao encontro do estudo etnográfico de Siapno (2012) que defende a propagação da imagem de "mulheres guerreiras" - isto é, praticantes de artes marciais - como ferramenta para contribuir para o *empowerment* das mulheres Timorenses e, conseqüentemente, para a igualdade de género no país.

### **Funções para os seus membros**

As funções que o grupo assume na vida dos seus membros parecem ir ao encontro das necessidades pessoais dos mesmos. De acordo com as verbalizações de membros, peritos e universitários, os GAM permitem satisfazer algumas necessidades básicas: por um lado, a necessidade de sobrevivência (e segurança), através de relações de ajuda e defesa de cada elemento do grupo; e por outro lado, necessidades psicológicas dos seus membros, promovendo um desenvolvimento pessoal a vários níveis.

Os dados sugerem ainda que membros e não membros reconhecem o papel dos grupos em inculcar um conjunto de valores, regras e normas, que dirigem a sua autoperceção enquanto elementos do grupo, o seu comportamento ao nível grupal bem como na sua vida pessoal (p.ex., normas relativas ao cuidado à família). Estes aspetos da estrutura grupal são fundamentais da identificação do membro com o grupo, uma vez que fornecem uma direção e motivação, organizam a interação intragrupal e tornam o comportamento dos membros previsível (Forsyth, 2010).

Ainda decorrente da estrutura que o grupo apresenta, existem evidências, por parte de um membro e de dois peritos, que os grupos estão organizados de forma a que as posições de chefia parecem ser detentores dum poder incontestável<sup>12</sup>. Embora os dados sejam limitados neste aspeto, poder-se-á deduzir que estes grupos mantêm lideranças salientes. A abordagem da Identidade Social defende que a liderança não se prende com a questão do poder, mas que se trata de um "processo de influência que o mobiliza o envolvimento dos outros para atingir objetivos coletivos". A influência dos líderes, de acordo com esta perspetiva, não vem de nenhum mecanismo de coação, mas antes pela posição que ocupam e porque eles passam por um processo de despersonalização e incorporação das normas e regras do grupo (Hogg & Reid, 2001). Por outro lado, a imagem do líder poderá encerrar em si, todo um universo de fantasia que se criou em torno das artes marciais, sobretudo pela indústria cinematográfica (Homma, 2008).

---

<sup>12</sup> É ilustrativo deste poder, uma das afirmações feitas por um dos participantes neste estudo, membro de um GAM, a respeito do líder do grupo no qual participa: " O senhor F. diz 'não podem fazer assim`... Isto... nós aqui, tal como Deus, nós seguimos o senhor F! O Senhor F. fála!'"

Os membros parecem manifestar uma forte identificação com esses líderes e a obediência às decisões tomadas pelas chefias parece resultar de um desejo de imitar e agradar as autoridades (Kelman, 1958).

Na relação líder-membro, o papel da liderança poderá assemelhar-se ao papel de mentor. A literatura enfatiza também a importância dos adultos não-familiares com os quais os adolescentes convivem e de quem recebem um apoio complementar ao fornecido pela família, fomentando o desenvolvimento quer ao nível instrumental - competências técnicas -, quer ao nível psicossocial - competências pessoais (Hamilton & Hamilton, 2004). Apesar de estar documentado o papel dos mentores na promoção da resiliência dos adolescentes (ex., Darling, Bogat, Cavell, Murphy, & Sanchez, 2006), Zimmerman, Steinman e Rowe (1998) alertam para o facto destes adultos poderem constituir também fator de risco, caso se assumam como modelos para comportamentos de agressividade e violência.

### **Funções desempenhadas pelos GAM no sistema alargado**

Nesta dimensão é possível encontrar uma forte distinção entre a perceção dos membros e a perceção dos peritos da comunidade. Os membros dos grupos fazem alusão a uma função pró-social do seu grupo, assente no suporte social que estes grupos desempenham no seio da comunidade onde se vão inserir. Por outro lado, da parte dos peritos da comunidade existem indicadores que vão ao encontro dos trabalhos anteriormente realizados (Chinn & Everett, 2008; TLAVA, 2009b) e que denunciam os GAM como responsáveis por determinados conflitos sociais e por um sentimento de insegurança das comunidades locais. Estes peritos são também os elementos entrevistados com um acesso privilegiado à informação, em contraponto com os restantes entrevistados que têm acesso a menos meios de comunicação. Fica porém por compreender se de fato a perceção dos peritos é mais fundamentada, pelo acesso que têm a um conjunto mais vasto de recursos informativos - decorrente sobretudo das exigências profissionais e do facto de se deslocarem com maior frequência à capital Timorense - ou se, por outro lado, a sua opinião se encontra de certa forma "manipulada" pelas associações dos GAM à violência comumente transmitida pelos órgãos de comunicação.

Dois fenómenos parecem ter operado na expressão da perceção dos participantes a propósito da função dos GAM nas suas comunidades:

1) da parte dos membros, poderá ter havido um esforço de reforçar características positivas do grupo (neste caso, suporte fornecido à comunidade). Está aqui presente um esforço pela valorização do grupo e conseqüente valorização e promoção da auto-estima de cada membro (Tajfel & Turner, 1987);

2) da parte dos peritos houve a tendência para homogeneizar os GAM e dotá-los duma conotação negativa. Este efeito pode resultar duma discrepância de estatuto entre este grupo de peritos (altamente valorizado na comunidade Timorense) e os grupos de artes marciais (Lorenzi-Cioldi, 1988).

### ***Aspetos distintivos***

Tanto membros como não membro reconhecem que sob a designação de Grupos de Artes Marciais se encontra um conjunto variado de grupos, tal como descrito na literatura (Ostergaard, 2005; Scambary et col. 2006). De uma maneira geral, todos os participantes reconheceram que estes aspetos distintivos dos vários grupos estão associados à sua identificação e práticas identitárias (p.ex., utilização de símbolos, vestuário ou códigos), à interação entre os membros (p.ex., treino físico) e à estrutura grupal.

São os elementos associados à identificação e práticas identitárias que estão, no entanto, mais presentes nas verbalizações dos participantes, provavelmente por se tratarem do aspeto mais visível da pertença ao um grupo. Sob a perspectiva dos membros, os símbolos expressam os estatutos diferenciados no seio do grupo, isto é, haverá uma diferenciação interna de estatutos, para cada um dos quais correspondem símbolos específicos, como por exemplo, cinturões de cores diferentes. Tendo em conta a Teoria da Autocomplementação Simbólica (ex., Wicklund & Gollwitzer, 1981), os símbolos serão utilizados também para demonstrar que determinadas tarefas endogrupais foram cumpridas (exemplo, o uso da camisola com o emblema do grupo indica que o membro conclui um período formativo e foi oficialmente como membro "efetivo" do grupo).

Importa aqui relembrar que, na perspectiva da Psicologia Comunitária, os símbolos constituem um dos elementos do sentimento de comunidade, sendo usados para estabelecer as fronteiras que permitem distanciar membros de não membros, ao mesmo tempo que conferem harmonia e facilitam a integração na vida da comunidade (McMillan & Chavis, 1986).

No decorrer da entrevista, denotou-se que os membros ao expressarem os aspetos que distinguem o seu grupo dos restantes, elaboram comparações tendencialmente positivas para o seu grupo. Este fenómeno de favoritismo endogrupal, expressa o papel importante que o GAM exercem na autoavaliação dos seus membros e na construção de uma autoestima positiva (Tajfel & Turner, 1987).

Em geral, poder-se-á dizer que, segundo membros, peritos e universitários, os GAM parecem oferecer um conjunto rico de oportunidades de desenvolvimento aos seus membros, a vários níveis. Assim, os dados sugerem que os GAM podem potencialmente contribuir para diferentes áreas do desenvolvimento das crianças e adolescentes, nomeadamente o desenvolvimento físico, intelectual, psicológico, emocional e social. Os dados aqui obtidos não revelam que o uso da violência seja um elemento do funcionamento intra ou intergrupar, o que de certa forma, fica reforçada a ideia de que a violência não é um aspeto fundamental da identidade destes grupos (Arnold, 2009).

Poder-se-ia ainda considerar que, ao fornecerem um contexto com os ingredientes essenciais para promover o desenvolvimento positivo dos adolescentes - ex., segurança física e psicológica; estrutura clara e consistente, com supervisão de adultos; relações de suporte (Eccles & Gootman, 2002) –, a pertença aos GAM pode constituir um fator de proteção contra a violência juvenil. Desta forma os GAM poderiam moderar os efeitos de determinados fatores de risco, específicos da comunidade Timorense, identificados pela literatura como conducentes à violência juvenil, sendo eles: pobreza e desemprego; fraca ligação comunitária; marginalização e insatisfação políticas; e fatores socioculturais que incluem a violência doméstica, o género e o consumo de álcool (The World Bank, 2007).

Em contraponto com estas observações, na realidade, o envolvimento destes grupos em conflitos, é fundamentado pela literatura e diariamente pelos órgãos de comunicação, e vem aliás patente na visão dos peritos entrevistados no presente estudo. Ainda que o objetivo do presente trabalho não tenha sido o de explorar as dinâmicas destes conflitos, os dados parecem deixar algumas pistas sobre a forma como estes podem ser perspetivados. Por um lado, os conflitos poderão resultar do facto da pertença ao grupo ser um elemento saliente da identidade dos seus membros, que contribui para a autovalorização dos mesmos, sobretudo

através de comparações que tendem a favorecer o grupo de pertença e contribuir para a autoestima dos membros. Todo este processo levará à discriminação endo-exogrupo. Por outro lado, o forte sentimento de comunidade dos membros o papel de destaque que assumem os líderes, denunciam que o impacto dos processos de influência social.

Portanto, estes grupos parecem apresentar aspetos potencialmente de risco. A forte ligação dos membros ao grupo e interiorização dos valores e normas do grupo, o papel saliente da liderança com uma influência forte na vida dos seus membros podem representar elementos de risco associados à pertença a estes grupos, a par de todos os riscos a que a comunidade Timorense está sujeita (ex., pobreza, desemprego, isolamento, educação precária).

## Capítulo V - Conclusões

No procedimento de recolha de dados verificaram-se algumas limitações próprias das técnicas seleccionadas nomeadamente no que diz respeito: à duração limitada das entrevistas que não permitiu o aprofundamento ideal da percepção de cada participante; o facto de personalidades mais dominantes tenderem a assumir o controlo sobre discussão de grupo; o carácter voluntário da participação que não garante que todas as pessoas contactadas vão de facto integrar os grupos focais ou vão estar disponíveis para as entrevistas. E

Estes constrangimentos foram de certa forma suplantado pelo esforço de seguir rigorosamente os procedimentos quer para a condução das entrevistas, quer também para a moderação dos grupos focais , como também na fase de análise dos dados.

Uma outra limitação adveio do facto de todo o levantamento de dados ter sido realizado durante o período eleitoral Timorense e num momento em que a prática das artes marciais estavam inibidas por questões de segurança, oque resultou numa dificuldade acrescida de constituir uma amostra de participantes sobretudo de membros dos GAM. Para contornar esta questão, foram tomadas todas as medidas de segurança necessárias, houve um contacto com a autoridade local e tentou-se clarificar bem os objetivos do presente trabalho.

O facto de haver uma discrepância entre a língua materna do investigador e a língua materna dos participantes levantou alguns obstáculos. As respostas dadas em Tetum e posteriormente traduzidas português para serem analisadas pode ter conduzido a perda de alguma informação. Foi essencial neste ponto que as traduções tivessem sido feitas com o mais grau de rigor.

### **Pistas de Intervenção.**

Ao nível da intervenção em cada grupo, salienta-se a importância de um trabalho de prevenção a desenvolver com os líderes dos grupos, no sentido da sua capacitação e desenvolvimento de competências sociocognitivas e comportamentais que foquem, entre outros aspetos, a gestão de conflitos.

Os dados também levam a considerar a pertinência duma intervenção alargada a todos os grupos de artes marciais, orientada para a redução do preconceito intergrupalo. Neste sentido,

ganham relevância as ações que permitam ultrapassar a identificação dos membros com o seu próprio grupo, e que estimulem a identificação com categorias sociais abrangentes (ex., com o distrito de residência, ou com o país). Desta forma, e assumindo claramente os pressupostos do Modelo da Identidade Endogrupal Comum (Gaertner, Dovidio, Anastasio, Bachman, & Rust, 1993), os membros assumiriam uma identidade que integrasse como membros do "endogrupo" os elementos dos vários GAM.

A uma nível mais abrangente, - e porque a violência um problema transversal a vários grupos da comunidade Timorense, não sendo uma associação exclusiva aos GAM - seria de se considerar a dinamização de um programa de prevenção da violência para toda a comunidade Timorense, e disseminado através do *meios de comunicação*. Esta forma de educação comunitária tem-se mostrado eficaz e envolve a transmissão de mensagens educativas, (ex., anti-violência ou de cooperação intergrupar) através de um programa televisivo ou de rádio, geralmente com o formato de novela (Paluk, 2009). De acordo com Paluk (2009) o impacto dum intervenção de rádio nestes contextos apresenta a vantagem dos ouvintes se tornarem conscientes não apenas das ideias comunicadas pelos programas, como também formarem grupos informais de discussão nos quais ocorre a partilha de percepções sobre essas mensagens

### **Indicações para futuras investigações.**

Tendo em conta a especificidade dos GAM seria importante que futuros trabalhos assentassem em perspetivas multidisciplinares que permitissem alargar os referenciais teóricos e a compreensão dos mesmos. O uso da metodologia qualitativa parece fundamental pelo facto de permitir um acesso privilegiado às percepções dos participantes e fornecer um conjunto rico e variado de informação. Neste âmbito, seria pertinente trabalhar com amostras mais amplas - quer de membros, quer de não-membros - e mais heterógenas (i.e, que envolvessem participantes dos vários distritos Timorenses, dos vários grupos de Artes Marciais, de classes profissionais distintas e de várias faixas etárias. Desta forma poder-se-á ter acesso a uma visão mais completa da percepção da comunidade Timorense sobre estes grupos.

Para futuros trabalhos, importaria também estudar a relação dos grupos de artes marciais e os conflitos sociais. É fundamental que estes últimos sejam estudados e mapeados, para que

se compreendam as suas origens, dinâmicas e natureza (i.e., conflitos interpessoais vs intergrupais). Uma avaliação completa destes conflitos, assumindo numa abordagem sistémica, será realizada em três níveis: 1) avaliação do funcionamento do sistema global; 2) determinação dos padrões recorrentes dentro do sistema que estejam associados ao conflito; 3) identificar as contribuições individuais para o sistema global. Esta abordagem fornece um enquadramento para a avaliação e intervenção com a vantagem de permitir uma compreensão do conflito através da informação sobre padrões, sequências encadeadas, funções das partes envolvidas, e métodos de processar a informação (Wilmot & Hocker, 1997).

Em termos gerais considera-se que o presente trabalho foi ao encontro dos objetivos estabelecidos e que apresenta relevância teórica e prática. Permite por um lado enriquecer a literatura sobre as artes marciais Timorenses, com o olhar da Psicologia Social Comunitária. Por outro, evidencia a riqueza do funcionamento destes grupos e o significado que eles assumem no seio das suas comunidades, incentivando assim a investigação em torno dos mesmos.

## Referências

- Agência LUSA (2005, Junho 30). Em Timor-Leste grupos de artes marciais dispostos a pôr cobro a violência.  
Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/?article=112034&layout=121&visual=49&tm=7&>
- Ahn, J. D., Ho Hong, S., & Park, Y.K. (2009). The historical and cultural identity of taekwondo as a traditional korean martial art [versão eletrónica]. *The International Journal of the History of Sport*, 26 (11), 1716-1734.
- Amaro, J .P. (2007). Sentimento psicológico de comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1 (XXV), 25-33.
- Arnold, M. B. (2009). Who is my friend, who is my enemy? Youth and statebuilding in Timor-Leste. *International Peacekeeping*, 16 (3), 379-392.  
doi:10.1080/13533310903036426
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barrera, M. Jr. (1986). Distinctions between social support concepts, measures, and models . *American Journal of Community Psychology*, 14(4), 413-445.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Benard, A. (1991). *Fostering resiliency in kids: Protective factors in the family, school, and community*. Portland, Ore: Western Center for Drug-Free Schools and Communities.  
Disponível em: <http://friendsofthechildrenboston.org/>
- Berg, B. L., & Lune, H. (2012). *Qualitative research methods for the social sciences*. New Jersey: Pearson.
- Bernal, M. E., & Knight, G. P. (1993). *Ethnic Identity: Formation and Transmission Among Hispanics and Other Minorities*. Albany, NY, US: State University of New York Press
- Berns, R. M. (2004). *Child, family, school, community. Socialization and support*. Belmont, CA: Thomson Learning.
- Bernhard, H., Fehr, E., & Fischbacher, U. (2006). Group affiliation and altruistic norm enforcement. *The American Economic Review*, 96 (2), 217-221.
- Bess, K. D., Fisher, A. T., Sonn, C. C., & Bishop, B. J. (2002). Psychological sense of community. In A. T. Fisher, C. C. Sonn, & B. J. Bishop (Eds.), *Psychological Sense of Community. Research, applications and implications*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Bloor, M., Frankland, J., Thomas, M., & Robson, K. (2002). *Focus groups in social research*. London: Sage Publications.
- Brodsky, A. E. (1996). Resilient single mothers in risky neighborhoods: Negative psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24, 347-363.  
doi: 10.1002/(SICI)1520-6629(199610)24:4<347::AID-JCOP5>3.0.CO;2-R
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Harvard: Harvard University Press.

- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6ª ed., pp. 793–828). New York: John Wiley.
- Brown, R. (1988). *Group Processes. Dynamics within and between Groups*. Oxford: Basil Blackwell.
- Butz, D. A. (2009). National Symbols as Agents of Psychological and Social Change. *Political Psychology*, 30(5), 779-804.
- CEDAP- Centro de Estudos ba Paz no Dame. (2010). *Timor-Leste: voices and paths to peace*. Timor-Leste: autor.
- Chinn, L., & Everett, S. (2008). *A survey of community-police perceptions: Timor-Leste in 2008*. Dili: The Asia Foundation.
- Cohen, E. H. (2004), Components and symbols of ethnic identity: A Case study in informal education and identity formation in diaspora. *Applied Psychology: An International Review*, 53, 87–112. doi: 10.1111/j.1464-0597.2004.00162.x
- Cooke, B. D., Rossmann, M. M., McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1988). Examining the definition and assessment of social support: A resource for individuals and families. *Family Relations*, 37, 211–216.
- Dalton, J. H., Elias, M.J., & Wandersman, A. (2007). *Community psychology. Linking individuals and communities* (2ª edição). Belmont CA: Thomson Wadsworth.
- Darling, N., Bogat, G. A., Cavell, T., Murphy, S. E., & Sanchez, B. (2006). Gender, ethnicity, development and risk: Mentoring and the considerations of individual differences. *Journal of Community Psychology*, 34(6), 765-779.
- De Lamater, J. (1974). A Definition of "group". *Small Group Behavior*, 5, 30-44.
- Doise, W. (1982). *L'explication en psychologie sociale*. Paris, France: Presses Universitaires de France.
- Duffy, K.G., & Wong, F.Y. (2003). *Community psychology* (3ªed). Boston: Pearson Education.
- Eccles, J., & Gootman, J. (2002). *Community programs to promote youth development*. Washington, DC: Sage Publications
- Elliot, R., Fisher, C. T., & Rennie, D. L. (1999). Evolving guidelines for publication of qualitative research studies in psychology and related fields. *British Journal of Clinical Psychology*, 38, 215-229.
- Elvas, S., & Moniz, M. J. (2010). Sentido de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 451-464.
- Esperança, J. P. (2004, Julho 31). Tudo sobre as artes-marciais em Timor. *Semanário*, 3-6.
- Figueiredo, A. (2009). The object of study in martial arts and combat sports research. Contributions to a complex whole. In W. Cynarski (Ed.). *Martial Arts and Combat Sports. Humanistic Outlook* (pp.20-34). Rzeszów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego.
- Fiske, S. T. (2004). *Social Being*. USA: John Wiley & Sons.
- Forsyth, D.R. (2010). *Group dynamics*. Belmont: Wadsworth.
- Gaertner, S. L., Dovidio, J. F., Anastasio, P. A., Bachman, B. A., & Rust, M.C. (1993). The Common ingroup identity model: recategorization and the reduction of intergroup bias. *European Review of Social Psychology*, 4(1), 1-26.

- Garcia-Marques, L., Ferreira, M. B., & Garrido, M. V. (2013). Processos de influência social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (9ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garmezy, N. (1994). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. In R. J. Haggerty, L. R. Sherrod, N. Garmezy & M. Rutter (Eds.). *Stress, risk and resilience in children and adolescents. Processes, mechanisms and interventions* (pp. 1-18) Cambridge: Cambridge University.
- Gottlieb, B. H. (1981). Social networks and social support in community mental health. In B. H. Gottlieb (Ed.). *Social networks and social support*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Greenbaum, T. L. (2000). *Moderating focus groups. A practical guide for group facilitation*. Thousand Oaks, CA: Sage Publication.
- Hamilton, S. F., & Hamilton, M. A. (2004). Contexts for mentoring: Adolescent-adult relationships in workplaces and communities. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of Adolescent Psychology* (2ª edição, pp. 395-428). Hoboken, NJ: Wiley.
- Hill, C. E., Knox, S., Thompson, B. J., Williams, E. N., & Hess, S. A. (2005). Consensual qualitative research: An update. *Journal of Counseling Psychology*, 52(2), 196-205
- Hogg, M. A., & Reid, S. A. (2001). Social identity, leadership, and power. In A. Lee-Chai, & J. Bargh (Eds.). *The use and abuse of power: Multiple perspectives on the causes of corruption* (pp. 159-180). Philadelphia, PA: Psychology Press
- Hogg, M.A., Abrams, D., Otten, S., & Hinkle, S. (2004). The Social Identity Perspective: Intergroup Relations, Self-Conception, and Small Groups. *Small Group Research*, 35(3), 246-279
- Homma, G. (2008, Janeiro, 5). Bujutsu fighting gangs in East Timor. Disponível em: [http://www.nippon-kan.org/senseis\\_articles/08/bujutsu\\_fighting.html](http://www.nippon-kan.org/senseis_articles/08/bujutsu_fighting.html)
- Jesuino, J.C. (2010). Estruturas e processos de grupo. In J. Vala & M.B. Monteiro (Eds.) *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesuino, J.C., & Pissarra, J. (2013). Estruturas e dinâmicas de grupo. In J. Vala & M.B. Monteiro (Eds.) *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kelly, J. G., & Hess, R.E. (1986). *The ecology of prevention*. New York: The Haworth Press.
- Kelman H. C. (1958). Compliance, identification, and internalization: Three processes of attitude change. *Journal of Conflict Resolution*, 2(1), 51-60.
- Krippendorff, K. (1990). *Metodología de análisis de contenido. Teoría y práctica*. Barcelona: Paidós.
- Krueger, R.A., & Casey, M.A. (2000). *Focus Groups: A practical guide for applied research*. California: Sage Publications.
- Levine, M., Perkins, D. D., & Perkins, D. V. (2005). *Principles of community psychology: Perspectives and Applications*(3ª Ed.). New York: Oxford University Press.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus dominants et groupes dominés: images masculines et féminines*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble
- McMillan, D.V., & Chavis, D.M. (1986). Sense of Community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.

- Miers, R., and Fisher, A.T. (2002). Being church and community. In A. T. Fisher, C. C. Sonn, & B. J. Bishop (Eds.). *Psychological Sense of Community. Research, applications and implications*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Morgan, D. (1988). *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park: Sage.
- Muggah, R. (2010). Urban violence in an urban village. A case study of Dili, Timor-Leste. Geneva: Geneva Declaration Secretariat.
- National Statistics Directorate (NSD) & United Nations Population Fund (UNFPA) (2011). Population and Housing Census 2010. Volume 2. Population Distribution by Administrative Areas. Disponível em: <http://dne.mof.gov.tl/df>
- Nelson, G. and Prilleltensky, I. (2005) *Community psychology: in pursuit of liberation and well-being*. Palgrave Macmillan, New York.
- Orford, J. (1992). *Community Psychology. Theory and practice*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Orford, J. (2008). *Community Psychology. Challenges, controversies and emerging consensus*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Ornelas, J. (1997). Psicologia comunitária. Origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 3 (XV), 375-388.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século
- Ostergaard, L. (2005). *Timor-Leste youth social analysis mapping and youth institutional assessment* [Relatório para o Banco Mundial].
- Paluk, E. L. (2009). Reducing intergroup prejudice and conflict using the media: A field experiment in Rwanda. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96,(3), 574–587.
- Patton, M. Q. (2002), *Qualitative Research & Evaluation Methods* (3ª edição). Thousand Oaks,CA: Sage Publications.
- Perkins, D., & Zimmerman, M.A. (1995) Empowerment, theory, research and application. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 569-579.
- Poletto, M., & Koller, S.H. (2011). Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In D.D. Dell'Aglio, S.H. Koller, e M.A. Yunes (Eds.). *Resiliência e psicologia positiva. Interfaces do risco à proteção*. Sao Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rappaport, J. (1987). Terms of empowerment/exemplars of prevention: toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15(2), 121-148.
- [Sandler I. N.](#)(1980). Social support resources, stress, and maladjustment of poor children. [American Journal of Community Psychology](#), 8(1), 41-52.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.
- Scambary, J., Da Gama, H., & Barreto, J. (2006). A survey of gangs and youth groups in Dili, Timor-Leste: AUSAID.
- Scambary, J. (2009a). Anatomy of a conflict: the 2006-2007 communal violence in East Timor. *Security & Development*, 9 (2), 265-288.
- Scambary, J. (2009b). Trapped in the legacy of the past. *Inside Indonesia*,(online), 96, (Apr-Jun). Disponível em: <http://www.insideindonesia.org/feature-editions/trapped-in-the-legacy-of-the-past>.
- Scambary, J. (2012). Conflict and resilience in an urban squatter settlement in Dili, East Timor. *Urban Studies*. (20 Dezembro). doi: 10.1177/0042098012470396

- Sherif, M. (1937). An experimental approach to the study of attitudes. *Sociometry*, 1(1/2), 90-98.
- Siapno, J. (2012). Dance and martial arts in Timor Leste. The performance of resilience in a post-conflict environment. *Journal of Intercultural Studies*, 33(4), 427-443. doi: 10.1080/07256868.2012.693819
- Smith, E.R., & Mackie, D.M. (Eds.) (2007). *Social psychology* (3ª edição.). New York: Psychology Press.
- Stangor, C. (2004). *Social groups in action and interaction*. New York, Psychological Press.
- Streicher, R. (2011). The construction of masculinities and violence. Youth gangs in in Dili, East Timor. (working paper, Freie Universität Berlin). Disponível em: <http://www.polsoz.fu-berlin.de/.../vordererorient/index.htm>
- Svinth, J.R. (2001). Social uses of the martial arts. In T.A. Green (Ed.) *Martial Arts of the World*. (pp.435-442). California: ABC-CLIO.
- Tajfel, H. (1978). Social categorization, social identity and social comparison. In H. Tajfel, (Ed.) *Differentiation Between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations*. London: Academic Press.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais. Estudos em psicologia social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- The Asia Foundation (2007). *Conflict management and prevention in East Timor*. Disponível em: [www.asiafoundation.org](http://www.asiafoundation.org).
- The World Bank (2007). *Timor-Leste's Youth in Crisis: Situational Analysis and Policy Options*. The World Bank.
- TLAVA - Projecto de Avaliação da Violência Armada em Timor-Leste (2009a). Grupos, gangues e violência armada em Timor-Leste. *Nota Informativa*, 2 (Abril), 1-8.
- TLAVA - Timor-Leste Armed Violence Assessment (2009b). Electoral violence in Timor-Leste. Mapping incidents and responses. *Issue Brief*, 3 (Junho), 1-8.
- Turner, J. C. (1991). *Social Influence*. Buckingham, UK: Open University Press.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the Social Group: A self-categorization Theory*. New York: Blackwell.
- Vala, J.(1997). Representações sociais e percepções grupais. *Análise Social*, Vol. XXXII (140), pp. 7-29.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação. O Processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Wicklund, R. A., & Gollwitzer, P. M. (1981). Symbolic self-completion, attempted influence and self-deprecation. *Basic and Applied Social Psychology*, 2, 89-114.
- Willig, C. (2001). *Introducing qualitative research in psychology*. Adventures in theory and method. New York: Open University Press.
- Wilmot, W. W., & Hocker, J. L. (1997). *Interpersonal conflict*. Boston: McGraw-Hill.
- Zimmerman, M. A. (1995). Psychological empowerment: Issues and illustrations. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 581-599.

- Zimmerman, M.A. (2000). Empowerment theory. Psychological, organizational and community levels of analysis. *In* J. Rappaport e E. Seidman (Eds.). *Handbook of community psychology*. New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Zimmerman, M. A., Steinman, K. J., Rowe, K. J. (1998). Violence among urban African American adolescents: The protective effects of parental support. *In* Arriaga, X.B., Oskamp, S. (Eds.), *Addressing Community Problems: Psychological Research and Interventions*. (pp. 78-103). Thousand Oaks, CA: Sage

## Fontes

Comunicado de Imprensa da Secretaria de Estado do Conselho de Ministros, 22 de Dezembro de 2011. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2011/12/Comunicado-de-Imprensa-da-Reuni%C3%A3o-extraordinaria-do-Conselho-de-Ministros-de-22.12.2011.pdf>

Comunicado de Imprensa da Reunião Extraordinária do Conselho de Ministros, 2 de Julho de 2013. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/>

Constituição da República Democrática de Timor-Leste. (2002, Março 22). Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/>

Lei do Parlamento nº10/2008, de 4 de Julho de 2008. Disponível em: <http://www.jornal.gov.tl/?mod=artigo&id=1414>

**Anexo A.**

**Guião para a realização do grupo focal com adultos.**

## Guião para o Grupo Focal – Adultos e Adolescentes

### Introdução:

1. Agradecer a participação.
2. Perguntar aos participantes em que língua querem que a entrevista decorra – Português ou Tetum.
3. Fazer uma apresentação pessoal.
4. Voltar a falar sobre o objetivo do estudo e o âmbito em que está a ser realizado.
5. Frisar que não há respostas certas e erradas; a importância de todos participarem e de se escutarem uns aos outros.
6. Pedir permissão para registar a sessão em formato áudio.
7. Frisar o anonimato e confidencialidade da sessão e dos dados.
8. Perguntar se há alguma questão.
9. Iniciar a sessão pedindo que cada participante se apresente, e refira o nome, a idade, a escolaridade e profissão.

### Questões:

1. **O que significa ser membro de um grupo de artes marciais?**  
Significa saída sai membru grupu arte marsial nian?
2. **Porque é que vocês quiseram entrar num grupo de artes marciais?**  
Tamba saída Ita-boot sira hatama iha grupu arte marcial?
3. **Que função têm estes grupos na vida de cada um?**  
Funsau mak ne'ebé grupu ne'e iha ba Ita-boot nia moris?
4. **Que função têm estes grupos na comunidade?**  
Funsau mak ne'ebé grupu ne'e iha ba komunidadu?
5. **Existem diferentes grupos de artes marciais. Quais são as diferenças entre eles?**  
Iha diferente grupu arte marsial. Mak ne'ebé sira-nia diferensia?
6. **O que é que caracteriza o vosso grupo?**  
Mak ida ne'ebé Itaboot sira nia grupu nia karakteristika?
7. **Deseja acrescentar mais alguma informação?**  
Itaboot sira hakarak fo'o hatene buat seluk tan, ka lae?

**Anexo B.**

**Guião para a realização do grupo focal com estudantes universitários**

## Guião para o Grupo Focal com Universitários

### Introdução:

1. Agradecer a participação.
2. Perguntar aos participantes em que língua querem que a entrevista decorra – Português ou Tetum.
3. Fazer uma apresentação pessoal.
4. Voltar a falar sobre o objetivo do estudo e o âmbito em que está a ser realizado.
5. Frisar que não há respostas certas e erradas; a importância de todos participarem e de se escutarem uns aos outros.
6. Pedir permissão para registar a sessão em formato áudio.
7. Frisar o anonimato e confidencialidade da sessão e dos dados.
8. Perguntar se há alguma questão.
9. Iniciar a sessão pedindo que cada participante se apresente, e refira o nome, a idade, curso e ano que frequentam.

### Questões:

1. **O que significa ser membro de um grupo de artes marciais?**  
Significa saída sai membru grupu arte marsial nian?
2. **Porque é que as crianças e os jovens querem entrar num grupo de artes marciais?**  
Tamba saída labarik Timor oan sira hakarak tuir grupu arte marsial?
3. **Que função têm estes grupos na vida de cada membro?**  
Funsau mak ne'ebé grupu ne'e iha ba membru nia moris?
4. **Que função têm estes grupos na comunidade?**  
Funsau mak ne'ebé grupu ne'e iha ba comunidade?
5. **Existem diferentes grupos de artes marciais. Quais são as diferenças entre eles?**  
Iha diferente grupu arte marsial. Mak ne'ebé sira-nia diferencian?
6. **O que é que caracteriza um grupo de artes marciais?**  
Mak ida ne'ebé grupu idaidak nia karakteristikak?
7. **Desejam acrescentar mais alguma informação?**  
Itaboot sira hakarak fo'o hatene buat seluk tan, ka lae?

**Anexo C:**

**Guião para a realização das entrevistas individuais aos peritos da comunidade.**

## Guião para as Entrevistas Individuais

### Introdução:

1. Agradecer a participação.
2. Perguntar aos participantes em que língua querem que a entrevista decorra – Português ou Tetum.
3. Fazer uma apresentação pessoal.
4. Voltar a falar sobre o objetivo do estudo e o âmbito em que está a ser realizado.
5. Frisar que não há respostas certas e erradas.
6. Pedir permissão para registar a sessão em formato áudio.
7. Frisar o anonimato e confidencialidade da sessão e dos dados.
8. Perguntar se há alguma questão.
9. Iniciar a sessão pedindo que cada participante se apresente, e refira o nome, a idade, a escolaridade e profissão.

### Questões:

**1. O que significa ser membro de um grupo de artes marciais?**

Significa saída sai membru grupu arte marsial nian?

**2. Porque é que as crianças e os jovens querem entrar num grupo de artes marciais?**

Tamba saída labarik sira hakarak tuir grupu arte marsial?

**3. Que função têm estes grupos na vida de cada membro?**

Funsaun mak ne'ebé grupu ne'e iha ba membru nia moris?

**4. Que função têm estes grupos na comunidade?**

Funsaun mak ne'ebé grupu ne'e iha ba comunidade?

**5. Existem diferentes grupos de artes marciais. Quais são as diferenças entre eles?**

Iha diferente grupu arte marsial. Mak ne'ebé sira-nia diferencian?

**6. O que é que caracteriza um grupo de artes marciais?**

Mak ida ne'ebé grupu (idaidak) nia karakteristik?

**7. Deseja acrescentar mais alguma informação?**

Ita hakarak fo'o hatene buat seluk tan, ka lae?